



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS – UAL  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA

**KELIANE FERREIRA BATISTA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM *PERSUASÃO*, DE JANE AUSTEN**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2017**

**KELIANE FERREIRA BATISTA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM *PERSUASÃO*, DE JANE AUSTEN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Área de Concentração: Estudos Literários

Orientador: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias.

CAJAZEIRAS – PB

2017

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM *PERSUASÃO*, DE JANE AUSTEN**

**KELIANE FERREIRA BATISTA**

Monografia aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2017

Banca Examinadora

Daise Lilian Fonseca Dias

Prof. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias

• (Orientador)

Marcilio Garcia de Queiroga

Prof. Dr. Marcilio Garcia de Queiroga

(Examinador interno – UFCG)

Fabione Gomes da Silva

Prof. Ms. Fabione Gomes da Silva

(Examinador interno – UFCG)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

B333r	Batista, Keliane Ferreira. Relações de gênero em Persuasão, de Jane Austen / Keliane Ferreira Batista. - Cajazeiras, 2017. 64f. Bibliografia.  Orientadora: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias. Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Inglesa) UFCG/CFP, 2017.  1. Crítica literária. 2. Crítica feminista. 3. Relações de gênero. 4. Mulheres 5. Persuasão. 6. Austen, Jane. I. Dias, Daise Lilian Fonseca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV Título.
UFCG/CFP/BS	CDU - 82.09

Dedico esse trabalho a meu filho Lucas, minha luz e alegria.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me sustentou durante toda a graduação, me dando força para superar os momentos difíceis. O Senhor me carregou em seus braços e eu consegui.

À minha família, em especial à minha mãe e tia, Geruza Maria, por sempre estar ao meu lado e me incentivar todos esses anos a concluir a graduação. Ao meu pai, Geraldo, pelo apoio nos momentos difíceis enquanto morei distante da família para concluir minha formação. À minha tia Joana Bosca, pelo incentivo durante todos os anos de estudo e a meu pequeno filho, Lucas, grande incentivador das minhas lutas.

À professora Dra. Daise Lilian Fonseca Dias, pelos grandes ensinamentos durante a graduação, e pelo exemplo de ser humano e profissional.

Ao professor Dr. Elri Bandeira de Sousa, uma referência para mim por sua generosidade enquanto educador, profissional e amigo. Meu sincero agradecimento pelo incentivo durante todos estes anos.

Aos docentes do Curso de Letras- Língua Inglesa, Dra. Íris Helena e Dr. Marcilio Garcia de Queiroga, pelos grandes ensinamentos.

Aos colegas de curso, principalmente a Damayane Alves e Ferdinando de Oliveira, que tornaram a graduação mais leve e divertida.

Aquele que habita no esconderijo do  
Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará  
(Salmos 91:1).

## RESUMO

Os papéis sociais vividos pelos indivíduos de sexos diferentes definem-se a partir de uma correlação de forças sociais entre homens e mulheres, visto que se configuram a partir da estruturação construída culturalmente nas mais diversas sociedades. Diante disto, este trabalho tem por objetivo analisar as relações de gênero presentes no romance *Persuasão* (1818), da autora britânica Jane Austen, estabelecendo paralelos entre a narrativa e a sociedade patriarcal inglesa de meados do século XIX que prescrevia funções distintas para cada sexo, evidenciando importantes questões advogadas e preconizadas por Austen em favor da causa feminina, através da ironia. Esta pesquisa também dissertará sobre a condição inferior da mulher em diferentes cenários sociais trilhando uma linha cronológica e destacando a cultura de domínio patriarcal que as afligia, evidenciando ainda as lutas empreendidas por elas na busca por igualdade de direitos, bem como estudos de linhas de pesquisa da teoria crítica feminista. Este trabalho também historicizará episódios importantes sobre a biografia de Austen, para o entendimento de suas obras, além de tratar de aspectos de sua poética. Tudo isto ilustrará as agruras femininas ao longo da história e oferecerá um contexto para uma compreensão mais apurada do romance de Austen, o qual apresenta discursos contundentes de personagens femininas ao criticar a situação que lhes é imposta pela sociedade androcêntrica na qual estão inseridas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Crítica Feminista. Relações de Gênero.



## ABSTRACT

The social roles of individuals of different sexes are defined by a number of social forces involved around men and women, since these forces are designed by a cultural based structure in many societies. Having this in mind, this work aims at analyzing the gender relations in the novel *Persuasion* (1818), by the British writer Jane Austen, establishing parallels between the narrative and the English patriarchal society of the 19<sup>th</sup> century, once it prescribed distinct functions for each sex, thus, showing important questions defended by Austen in favor of the feminine cause through the use of irony. This research will also debate about the inferior condition of woman in different social scenarios through a chronological line, highlighting the patriarchal cultures that inflicted all this to women, showing their fight in search for equality of rights, as well as a study on aspects of feminist criticism research lines. This work will also provide a history of important episodes about Austen's life, in order to promote a better understanding of her work, besides dealing with aspects of her poetics. All these points are meant to show the hardness of women's condition throughout history and it will bring about a context for a better understanding of Austen's novel, since it presents powerful female speeches that criticize the situation which is imposed on them by the androcentric society in which they are inserted.

**KEY WORDS:** Literature. Feminist Criticism. Gender Relations.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. A CONDIÇÃO SOCIAL DA MULHER E A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA.</b>	12
<b>1.1 Aspectos da condição feminina</b> .....	12
<b>1.2 Crítica Feminista em Perspectiva</b> .....	21
<b>2. JANE AUSTEN: VIDA E OBRA</b> .....	31
<b>2.1 A trajetória de Austen e suas influências</b> .....	31
<b>2.2 Aspectos da Poética de Jane Austen</b> .....	36
<b>3. QUESTÕES DE GÊNERO EM <i>PERSUASÃO</i></b> .....	40
<b>3.1 Anne Elliot: o despertar para a vida</b> .....	40
<b>3.2 “Guerra dos Sexos?”</b> .....	49
<b>CONCLUSÃO</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61

## INTRODUÇÃO

Dentre os diversos campos que analisam o meio social e o ser humano está a literatura que contribui significativamente para um olhar mais apurado sobre o meio social, visto que tem o poder de despertar a percepção do leitor para temas que envolvem a sociedade de modo geral. Nesse sentido, a literatura é vista como objeto de modificação social devido ao seu caráter humanizador, ou seja, ao entrar em contato com o texto literário o leitor reflete sobre sua condição na sociedade e pode compreender o contexto social que o cerca. Assim, é capaz de dialogar com o texto que ganha um novo sentido e assume uma nova finalidade, diferentemente da visão engessada que é atribuída ao texto literário no ensino básico escolar, por exemplo. Logo, pode-se afirmar que a composição literária e sua análise crítica leva o leitor a questionar, compreender, comparar e experienciar olhares de modo diferente para o mundo que o cerca.

A partir da leitura de determinada obra o leitor pode observar as peculiaridades de dado período e como se dá a construção dos papéis sociais dos personagens nas tramas. Dessa forma, analisar *Persuasion* [Persuasão] (1818), da escritora inglesa Jane Austen, justifica-se, pois ao entrar em contato com este romance o leitor atenta para a descrição da sociedade rural inglesa de meados do século XIX, verificando assim suas características sociais e o modo como se construía relações de gênero. Diante disso, esta pesquisa inicialmente discute o papel da mulher no decorrer da história, seguindo uma linha cronológica, a fim de destacar a cultura social de dominação patriarcal que foi imposta à mulher desde os primórdios da civilização, e as mulheres contribuíram na luta por igualdade social como: Christine de Pisan, Mary Woollstonecraft, Nísia Floresta, Betty Friedan, dentre outras, que se manifestaram contra o domínio masculino.

Seguidamente, o trabalho parte para uma análise da vida da romancista Jane Austen, a fim de observar como fatos pessoais influenciaram a escrita de suas obras, discutindo ainda a sua poética, traçando assim uma linha cronológica de composição e publicação de seus trabalhos. Por fim, o terceiro capítulo aborda as relações de gênero no romance *Persuasão* (2012), a fim de demonstrar através das experiências sociais vividas pela heroína Anne Elliot, os papéis preestabelecidos para os homens e mulheres em meio à sociedade (patriarcal) rural inglesa do século XIX, estudando tais aspectos com base nas considerações da teoria da crítica feminista.

## 1. A CONDIÇÃO SOCIAL DA MULHER E A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA

O primeiro capítulo tem por objetivo evidenciar a papel da mulher em diferentes cenários sociais, seguindo uma linha cronológica a fim de evidenciar o caráter inferior que a ela era delegado pela sociedade patriarcal. Em seguida, serão abordadas as lutas que as mulheres travaram por igualdade de direitos entre os sexos e os primeiros progressos durante o processo, pontuando ainda as vertentes dos estudos da teoria crítica feminista.

### 1.1 Aspectos da condição feminina

Compreender a condição social da mulher ao longo da história da humanidade é um fator oportuno a ser pontuado quando se estuda a crítica literária feminista. Isto posto, é pertinente que se observe o contexto histórico e as relações de gênero que cercam a figura da mulher no contexto social e literário.

O corpo social desde a antiguidade tende a ser liderado pela figura masculina – sociedade patriarcal –, visto que ao homem competia a liderança de seus clãs, altos cargos na sociedade, na política, o direito à propriedade, ao voto, entre outros fatores. Diante disso, deve-se destacar a terminologia da palavra *Patriarca*, de tal forma que se compreenda com profundidade esse modelo, de certa forma vigente, na sociedade. O termo procede da *Bíblia Sagrada* e refere-se aos líderes de tribos, precedentes a Moisés (Abraão, Isaque, Jacó), de caráter paterno, cuja autoridade eram repassadas aos seus primogênitos; Nesse sentido, Cunha irá definir de forma breve no *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* o vocábulo patriarca como: “chefe, líder, chefe de família” (1986, p. 587).

No curso da história, é perceptível que a mulher permaneceu à sombra do homem, como é o caso da Grécia Antiga. Naquele modelo de sociedade, a figura feminina era subserviente ao pai/ e ou esposo, sua existência estava voltada para o ambiente doméstico, ou seja, para a procriação e educação dos filhos e obediência a figura senhorial. Acerca da condição social da mulher Funan (2002) argumenta:

Em todas as fases da vida, havia muitas diferenças entre homens e mulheres da Grécia Antiga. As mulheres gregas viviam separadas dos homens em cômodos diferentes reservados a elas dentro da casa, chamados de gineceus, onde ficavam confinadas a maior parte do tempo. As mansões da elite eram divididas em duas partes, masculina e feminina. As meninas também pouco contato tinham com os meninos depois da primeira infância, como mandava a "boa educação". Elas tinham

brinquedos que se referiam à vida que teriam como adultas, basicamente como mães e donas de casa, dedicadas à costura da lã, ao cuidado dos filhos e ao comando dos escravos domésticos (FUNAN, 2002, p.43).

Logo, examina-se que no modelo da sociedade grega o homem detinha o poder, pois ao analisar o tratamento diferenciado entre os sexos é nítido o caráter servil da mulher em relação a posição social do homem, haja vista que este recebia letramento em todos os níveis (poesia, filosofia, etc.), praticava esportes e participava ativamente da vida política das cidades-estados. Giordani afirmará em sua obra *História da Grécia* (2000 p. 245) que: “[...] As jovens viviam em quase perpétua reclusão no ambiente familiar, afastada dos olhares dos homens, até mesmo dos membros masculinos de sua própria família” Portanto, nesse tecido social, a mulher desempenhava o papel de esposa, progenitora e estava incumbida de realizar as tarefas domésticas. Avançando no estudo da posição social da mulher no percurso histórico destacamos o período medieval.

A idade medieval foi marcada pela voz masculina sobrepondo-se à feminina, de modo que, nesse período, a mulher era tida como um indivíduo de menor valor, tendo em vista que o homem era a figura central no meio social – concomitante com o poder que a igreja exercia e sua visão arbitrária em relação ao ser feminino. Neste período, as autoridades eclesiásticas influenciavam diretamente diversos setores do período medieval como a política, o jurídico e, principalmente, os aspectos sociais. Assim, ditavam regras e padrões que deveriam ser seguidos, considerando que a Igreja Católica (instituição de maior poderio durante esse período) propagava suas doutrinas puritanas e, portanto, impunha que os paradigmas cristãos impreterivelmente deveriam ser acatados, do contrário, os opositores seriam caçados e penitenciados.

Dando continuidade ao estudo da história da mulher e ao domínio masculino sobre ela, é pertinente acentuar sua condição na Idade Média. O período medieval foi marcado pela voz masculina sobrepondo-se à feminina, de modo que, nesse período, a mulher era tida como um indivíduo de menor valor, tendo em vista que o homem era a figura central no meio social – concomitante com o poder que a igreja exercia e sua visão arbitrária em relação ao ser feminino. Neste período, as autoridades eclesiásticas influenciavam diretamente diversos setores do período medieval: como a política, o jurídico e, principalmente, os aspectos sociais. Assim, ditavam regras e padrões que deveriam ser seguidos, considerando que a Igreja Católica (instituição de maior poderio durante o período medieval) propagava suas doutrinas puritanas e, portanto, impunha que os paradigmas cristãos impreterivelmente deveriam ser acatados, do contrário, os opositores seriam caçados e penitenciados.

As mulheres que desacatarem esses dogmas regidos pelo clero, tornaram-se grandes vítimas de violência e boas candidatas a fogueira, sob a acusação de serem “bruxas-feiticeiras”. Na verdade esse é um elemento histórico do paganismo cristão na idade média. No *Dicionário da Crítica Feminista* o termo bruxa/bruxaria disserta este momento histórico do seguinte modo:

[...] A partir do momento em que se formalizou a crença, desenvolveram-se as perseguições e os castigos, e a bruxa tornou-se, definitivamente, um símbolo de desrespeito pela ordem estabelecida e de rejeição dos valores morais da comunidade cristã (MACEDO & AMARAL, 2005, p. 11-12).

Desse modo, existia um caráter pagão atribuído pelo conservadorismo cristão que censurava e punia seus adeptos durante o período medieval. Tal querela devia-se ainda, a produção de chás/bebidas para tratamento de doenças e sua utilização no auxílio de partos, ou por disporem de seus corpos para sua satisfação sexual, assim destoando dos padrões puritanos. Condição abordada na obra *Minha história das mulheres* por Michelle Perrot:

De que são acusadas, afinal? De muitas coisas, misturadas. [...] Em primeiro lugar, elas ofendem a razão e a medicina moderna, por suas práticas mágicas. Têm a pretensão de curar os corpos, não somente com ervas, mas com elixires elaborados por elas e com fórmulas esotéricas. [...] Elas manifestam uma sexualidade desenfreada: têm a "vagina insaciável", segundo Le Marteau des soccières. Praticam uma sexualidade subversiva. (PERROT, 2007, p. 89).

Logo, o período de atuação da Santa Inquisição foi marcado pela violência/tortura, opressão e castração da mulher.

Em contraposição ao pensamento corrente na Idade Média, verifica-se que nas primeiras civilizações, a posição da mulher estava associada à fonte de vitalidade e fertilidade, assim, sua imagem encontrava-se correlacionada à uma boa colheita. Um exemplo de destaque desse cenário é a sociedade Celta (1800 a.C.), cujos indivíduos (macho e fêmea) possuíam direitos semelhantes. Nesta comunidade, dessemelhante do medieval, a mulher desempenhava o papel de guerreira, governante e comerciante, portanto, gozavam da mesma conjuntura social dos homens, este padrão social estabelecido denominava-se: semi-patriarcal. Tal sociedade era distribuída em tribos, cuja religião apoiava-se no politeísmo, tais crenças estavam ligadas ao culto a natureza representada pela “Grande Mãe” ou “Grande Deusa”, ademais, tais divindades eram representadas através de rios, intitulados com o nome de cada deusa.

Na obra *Women in a Celtic Church: Ireland 450–1150* a escritora Christina Harrington pontua que “Todos os outros sinais, apontam para uma religião com um panteão de deusas e deuses”<sup>1</sup> (Tradução nossa). Examina-se que na sociedade celta a mulher desempenhava um papel relevante e revestia ainda um papel divino por sua imagem estar relacionada a deusas pagãs, nesse contexto, é interessante a percepção e o comparativo social, a fim de observar o legado histórico da mulher.

Ainda observando o cenário veraz da Europa Medieval, é possível pontuar os escritos pioneiros de caráter feminista da francesa Christine de Pisan (1364). Na França, onde permaneceu boa parte de sua vida, a escritora obteve uma formação intelectual polida, abraçando posteriormente a causa feminista, esta levantada em muitas de suas obras. Ainda na França foi indicada a principal poeta de uma província. Pisan, uma mulher precursora perante uma sociedade patriarcal (ocidental), ultrapassou as adversidades financeiras após o falecimento do esposo por intermédio de seu ofício – a escrita –, tornando-se a primeira autora a afirmar-se profissionalmente.

Suas obras abordaram diversos gêneros literários e diversas temáticas, dentre elas: a política, a religião, a sociedade, a história, etc., voltadas principalmente para a desigualdade das mulheres perante a sociedade patriarcal. Em 1405, a escritora publicou *Cité des Dames* [A cidade das mulheres], onde utiliza alegorias para tratar de temas como: justiça e razão, seus escritos defendiam a igualdade de direitos entre os sexos por meio de uma linguagem racional e distintamente fundamentada, desse modo, se inseriu no espaço intelectual reservado estritamente aos homens.

No que se refere, ao período Renascentista, ocorrido na Europa em meados do século XIV até final do século XVI, pode se verificar um rompimento com as tradições medievais e uma busca por mudanças no cenário das artes, da literatura, da política, sociocultural, etc. Tal período foi marcado pela ideia de um renascer de um novo homem para um pensar mais racional, e teve por berço a Itália, posteriormente propagar-se-ia para outras partes da Europa como a Inglaterra, Alemanha, países baixos como Espanha e Portugal, dentre outros.

Durante o Renascimento os diferentes perfis dispostos à mulher no meio social alicerçaram-se sobre: os valores maternos/afetivos (estes voltados a mulher pertencente a uma camada social elevada), o aleitamento por parte das camponesas (visto que as mulheres com maior poder aquisitivo se negavam a realizar tal ato), a privação a direitos testamentários

---

<sup>1</sup>“All other signs, however, point to a religion with a pantheon of goddesses and gods” (HARRINGTON, 2012, p.33).

em grande parte da Europa (sob a alegação de que os direitos à herança pertenceriam aos primogênitos), dentre outros fatores a seguir pontuados. No Renascimento, as mulheres possuíam um dote que estava reservado para garantir um bom casamento. Acerca disso, King (1991, p. 199) dirá: “O dote era portanto a base de casamentos que tinham sido decididos (muitas vezes pelos pais) com objetivos de carácter material”. Em linhas gerais, o enlace matrimonial seria visto como uma forma de somar fortunas, garantindo assim uma ascendência social e a descendência de gerações. Ainda nesse sentido, o período pré-moderno estabeleceu sua base social alicerçada sobre o modelo patriarcal, pois ao homem era delegado um poderio absoluto. Ainda de acordo com King (1991, p. 201), “A concepção patriarcal do matrimônio, em que a mulher estava sujeita à autoridade do marido, foi um modelo que se foi aprofundando cada vez mais durante os séculos do Renascimento.” Observa-se ainda a subserviência feminina na renascença nas distribuições dos afazeres cotidianos posto por King na seguinte passagem:

Os deveres do marido exerciam-se fora de casa: competia-lhe adquirir bens, dinheiro, viveres, negociar com os outros, viajar, discutir e vestir-se adequadamente para tais ocasiões. Os deveres da mulher eram, pelo contrário, totalmente confinados ao círculo restrito das paredes domésticas: colher, conservar, ordenar, reordenar, tomar conta dos bens, não desperdiçar nada, não dizer nada e vestir-se para ser atraente aos olhos do marido (KING, 1991, p. 203).

Portanto, nota-se o caráter servil e submisso que a mulher ocupava e a exclusão social da qual era vítima no período do Renascimento. Dentre os perfis femininos na renascença elaborou-se um modelo incomum de mulher, logo, criou-se um conceito diferenciado de mulher; tal modelo é descrito por King (1991, p. 216) como: “[...] uma mistura de virgem e de velha, um homem-mulher perigosamente hábil: a amazona”.

Tal perfil diz respeito a mulheres que praticaram atividades de maior poderio (política, militar, entre outros), desta forma, destaca-se a figura de Joana d’Arc. A jovem camponesa simbolizou, no período renascentista na França do século XV, uma figura mítica que despertou temor nos inimigos (ingleses) da coroa francesa, evidenciando um posicionamento racional e autônomo se relacionado ao comportamento das mulheres na sociedade da época. O final trágico da donzela amazona revela os procedimentos punitivos dos homens para com as mulheres que ousaram assumir papéis masculinos – como a líder de um exército –, no caso: a fogueira. Ainda neste sentido King irá sublinhar que:



[...] Da amazona, essa figura rígida que surge em todo o lado da civilização do Renascimento, nasceu a mulher moderna, que transporta consigo o pesado fardo da solidão da amazona e que ainda não conquistou plenamente a sua liberdade, essa liberdade que talvez possa alcançar um dia, num Renascimento das mulheres, séculos depois do Renascimento dos homes (KING, 1991, p. 227).

Posterior ao período renascentista, pode-se destacar inúmeras mulheres que lutaram contra a subjugação e passividade feminina na sociedade, através de seus escritos e manifestos que, posteriormente, alavancariam o movimento feminista e a crítica literária feminista. Dentre as primeiras defensoras das prerrogativas femininas insere-se a inglesa Mary Astell que em 1730 escreve o seguinte documento: *Some reflections upon marriage* [Algumas reflexões sobre o casamento], com o objetivo de questionar as diferenciações entre o papel do homem e da mulher, visto que na visão da escritora os homens seriam seres livres, enquanto as mulheres estavam predestinadas desde o seu nascimento ao ostracismo. A autora, leitora de Descartes, aborda a questão das diferenças entre os sexos de maneira filosófica/racional, indagando que os seres humanos criados por Deus detêm do mesmo intelecto, logo seriam equivalentes entre si, assim caberia a ambos possuir os mesmos direitos.

No ano de 1789 ocorre um grande marco na história da Europa e no Ocidente, de forma geral, que influenciaria de maneira efetiva a busca pelos direitos igualitários entre homens e mulheres, tal fato seria o início da Revolução Francesa que foi um período de efervescentes crises políticas, sociais e econômicas. Na conjuntura social da época, as ideias iluministas ganhavam mais espaço, contrariando o modelo absolutista vigente. Logo, em 14 de Julho de 1789 com a queda da Bastilha – ícone do poder Francês –, se identificou a necessidade de se estabelecer um documento que contempla-se os direitos dos cidadãos que ficou conhecido como *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*. Tal escrito expressava a ideia de Igualdade, Fraternidade e Liberdade, porém esses ideais revolucionários abrangiam um público seletivo (os homens).

Assim sendo, as mulheres que apoiaram os homens na luta pela propagação das causas que acreditavam para a revolução tiveram seus direitos políticos vetados, resultando na sua exclusão social e não reconhecimento de sua cidadania e igualdade de sexos. Logo, um dos marcos da luta feminina, fruto do que se buscava nos ideais precedentes da revolução é o documento intitulado: *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (1791) [Declaração dos direitos da mulher e da cidadã] de Maria de Gouze (pseudônimo: Olympe de Gouges), que discorria sobre os direitos igualitários entre os sexos. Tal documento pontuava

aspectos como: o direito à propriedade, a independência, a justiça, a liberdade de expressão, e ainda abordava questões como a tirania masculina da qual a mesma foi vítima ao ser executada.

Em relação ao movimento feminista, este só adquiriu expressividade a partir de 1792 com Mary Wollstonecraft na obra *A Vidicantion of the Rights of Woman* [Uma defesa dos direitos das mulheres]. A mesma é considerada uma escritora de vanguarda em relação as ideias das atividades feministas. A respeito dos direitos das mulheres pontuados por Wollstonecraft (1792), Zolin destaca em *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas* que esta importante autora inglesa:

defende uma educação mais efetiva para mulheres, capaz de aproveitar seu potencial humano e torná-la apta para libertar-se da pecha da submissão e da opressão, tornando-se, de fato, cidadãs, como lhes é de direito (ZOLIN, 2005, p. 184).

No trecho acima, nota-se que as reivindicações da ativista estavam voltadas para a inclusão da figura feminina no tocante a educação e, a partir dessa imersão social sua participação em outros setores sociais – política, economia entre outros campos –, afirmando assim sua cidadania.

No Brasil, a primeira representante do movimento feminista de grande expressão foi Nísia Floresta Brasileira Augusta (pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto). Ela atuou como educadora e escritora, pautando suas obras sobre o caráter feminista. Sua obra inaugural sob o título *Direito das mulheres e a injustiça masculina* (1832) representou um manifesto inspirado na obra *A Vidicantion of the Rights of Woman*, de Mary Woollstonecraft. Em sua obra, Nísia Floresta discorre sobre os direitos da mulher no tocante à educação, atividade profissional, independência e igualdade entre os sexos de forma ampla, e tornou-se pioneira em relação a escrita teórica feminista, sobretudo no Brasil.

Com relação aos Estados Unidos, ao examinar-se a luta pelos direitos das mulheres naquele país, observa-se a figura de Sojourner Truth (1797- 1883). Com uma oratória de grande efeito, a ex-escrava (alforriada) proferiu discursos brilhantes (visto que não sabia ler nem escrever), abordando os ideias abolicionistas e na defesa dos direitos das mulheres (sufrágio feminino, etc.). O que a diferencia de outras ativistas da causa feminista é a sua crítica à sociedade estadunidense que excluía de forma mais discriminatória e desumana as mulheres negras, estas por sua vez desfavorecidas e marginalizadas. O seu discurso mais aclamado *Ain't I A Woman?* [Eu não sou uma mulher?]<sup>2</sup>, realizado em uma convenção sobre

---

os direitos das mulheres em Akron – Ohio em 1851, discorre sobre direitos igualitários entre homens e mulheres, evidenciando ainda o caráter racista e segregador presente na sociedade norte americana.

É possível ainda destacar nos Estados Unidos as contribuições significativas da crítica Margareth Fuller (1810-1850) para a causa feminista. Tal estudiosa tornou-se a primeira jornalista a participar da redação de um jornal americano. Sua obra *Woman in the Nineteenth Century* (1845) é tida como a primeira produção literária feminista nos Estados Unidos. Na obra *The Norton Anthology Literature by Women The traditions in English* Gilbert destaca que:

*Mulher no Século Dezenove*, se assemelha a um sermão, insistindo, como ele faz, que homens e mulheres executem igualmente seu potencial para o bem espiritual entre os sexos. Embora sua prosa seja marcada por uma retórica tensa, a ampla base humanista que Fuller salientou aqui serviu para o resto de sua vida, uma vez que ela alargou seus interesses do feminismo para a política de libertação<sup>3</sup> (GILBERT E GUBAR,2007, p.408).

Dentro do círculo de escritoras que contribuíram de modo fundamental para a construção de um cânone literário feminino, destaca-se na Inglaterra do século XIX as irmãs Brontë (Charlotte, Emily e Anne). Tais escritoras, desde a mocidade, pautaram sua educação na leitura e na escrita de histórias e contos. Lançaram em conjunto (usando pseudônimos) uma coleção de poemas *Poems by Currer, Ellis and Acton Bell* (1846), porém tal obra não obteve êxito comercial. As escritoras seguiram com seus escritos produzindo romances, dentre eles, o que mais se destacam são: *Jane Eyre* (1847) escrito por Charlotte Brontë, considerado uma das obras primas da literatura inglesa; *Wuthering Heights* [O Morro dos Ventos Uivantes] (1847) cuja autora é Emily Brontë, tido como um dos clássicos da literatura britânica; e *The Tenant of Wildfell Hall* [A Inquilina de Wildfell Hal] (1848) escrito por Anne Brontë, apontado como um dos primeiros romances de nuances feministas.

Na Inglaterra, apesar das discussões em torno do processo de emancipação das mulheres estarem avançadas no final da década de 1840, o próprio contexto que se configurada na sociedade não favorecia o progresso da mesma, visto que tal período foi marcado pela regência da Rainha Vitória, cujo reinado estendeu-se de 1837 a 1901, caracterizado pela exaltação dos valores morais e puritanos – castos – e acima de tudo pela

---

<sup>2</sup> [...] *Woman in the Nineteenth Century* resembles a sermon, insisting, as it does, that men and women alike must fulfill their potential for the greater spiritual good of both sexes. Although her prose is sometimes marred by strained rhetoric, the broadly based humanism Fuller stressed here was to inform the rest of her life as she widened her concerns from feminism to the politics of liberation” (GILBERT & GUBAR, 2007, p. 408).

exaltação do lar como ambiente virtuoso e cuja preservação estava a cargo da guardiã moral da família, a mulher. Nesta conjuntura social, a mulher era tida como um ser subalterno, pois a ela cabia somente o papel de boa mãe, esposa obediente e administradora das questões domésticas. Esta forma de pensar rompeu fronteiras e se estendeu, inclusive, pelos Estados Unidos, por exemplo.

Destaca-se, naquele país, a produção literária da norte-americana Kate Chopin (1850-1904) e sua contribuição valorosa para a formação do cânone literário estadunidense, já em pleno vôo com as obras de Emily Dickinson e Louisa May Alcott, por exemplo, sobretudo para a afirmação de uma tradição literária de autoria feminina – tendo em ensaios feministas e figuras defensoras da causa feminina, grandes expoentes, tais como Margareth Fuller, autora de *Woman in the 19th Century* e Sourjourner Truth, antecessoras de Chopin. A criação ficcional de Chopin focalizou de modo peculiar suas heroínas que transgrediam os princípios morais presentes na sociedade no século XIX, abordando dentre os temas principais: a questão de gênero, de raça, a construção da subjetividade feminina, etc. O romance *The Awakening* (1899) [O despertar], tido como sua obra prima se analisado por uma perspectiva feminista, evidencia práticas da sociedade patriarcal e as relações de gênero que envolvem a imagem feminina do período em questão.

Ora, complexas mudanças no papel social da mulher provém da época da Revolução Industrial, tal processo ocorreu na Inglaterra no final do século XVIII e início do século XIX, dentre as características do período, pontuam-se: o processo de implementação econômico capitalista, o acúmulo de capital, a utilização de maquinário em larga escala nas fábricas, a eclosão da Primeira Guerra Mundial, etc. Logo, essa fase de transformações sócio-econômicas para a mulher é marcada pela sua inserção no mercado de trabalho e a atribuição de outras funções além dos afazeres do ambiente domiciliar, questões profundamente criticadas pela americana Kate Chopin em sua obra.

É certo que as condições de pagamento das mesmas eram inferiores à dos homens devido ao fato de serem encaradas como mão-de-obra braçal de pouco valor econômico, deste modo, a mulher foi vítima de preconceitos quanto a seu exercício empregatício e tida como um ser de menor capacidade intelectual, tornando perceptível que esse novo modelo financeiro (capitalista) não valorizava a figura feminina como um ser capaz, ponto tocado por Louisa May Alcott em *Little Women* (1856), porém debatido praticamente em *Jane Eyre* e *The Tenant of Wildfell Hall*, das irmãs Brontë. É pertinente salientar ainda que a mulher de classe média baixa, sempre esteve submetida ao trabalho árduo, devido a sua necessidade de subsistência e a de sua prole.

Observa-se que, ao analisar o percurso da mulher na história, sua posição social, seus manifestos, escritos e reivindicações é compreender os caminhos que o ser feminino traçou para si e as mudanças sociais que tais atos proporcionaram, como uma melhor conjuntura social para elas. Além do mais, pode se observar que o despertar do processo de autoria feminina foi um dos principais agentes de mudança de uma cultura de subjugação imposta pelo patriarcalismo a mulher.

## 1.2 Crítica Feminista em Perspectiva

No transcurso do século XIX para o século XX, um novo contexto econômico e social traz à tona deliberações a respeito das relações de gênero. A posição opressora e subordinada imposta pela sociedade patriarcal a mulher é questionada de modo muito mais contundente. Tal mobilização teve início na Inglaterra e, posteriormente, ampliou-se, escoando para os Estados Unidos e demais países. Esse momento histórico da luta feminina foi denominado de 1º (primeira) Onda Feminista. Dentre suas prerrogativas, pontua-se: o sufrágio feminino – direito ao voto –, a implantação de direitos contratuais trabalhistas, e o fim de arranjos matrimoniais.

Ademais, esse Movimento foi encabeçado por mulheres brancas (sufragistas) com boa instrução e de condição financeira favorável. Somente, após o término da Primeira Guerra Mundial efetivou-se uma reforma no sistema eleitoral inglês, incluindo assim, as mulheres – com algumas ressalvas – neste processo de cidadania, fato que ocorreu no ano de 1918. Posteriormente, as estadunidenses conseguiriam participação no processo eleitoral seguindo o modelo das inglesas.

No período da 1º (primeira) Onda Feminista, é possível destacar os escritos de uma precursora da literatura inglesa, Virginia Woolf, visto que, abordou questões de cunho feminista evidenciando em seus textos uma postura contestadora em relação a convenções políticas, históricas e literárias. Woolf no seu famoso ensaio *A Room of One's Own* [Um teto todo seu] (1929), denuncia a marginalização/exclusão de escritoras da tradição literária dominada pelo cânone masculino. Cuddon destaca que:

Sua obra *Um Teto Todo Seu* (1929) se tornaria um documento clássico do movimento da crítica feminista. Ela se dirigiu para a questão de por que havia tão poucas

mulheres escritoras e porque é frequentemente difícil ou impossível para uma mulher escrever”.<sup>4</sup> (CUDDON, 1999, p. 31, Tradução nossa).

Em relação ao Brasil, Bertha Lutz se sobressaiu como figura primordial no movimento feminista em prol dos direitos da mulher, principalmente em relação ao sufrágio feminino, fundando ainda uma organização política nomeada Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, no ano de 1922, que viria a articular o *Primeiro Congresso Internacional Feminista* (20 a 22 de Dezembro de 1922), onde debateu em defesa das questões trabalhistas voltadas para a mulher.

Posteriormente, em meados dos anos 40 (quarenta), Simone de Beauvoir uma importante ativista suscita contribuições elementares que norteariam o movimento feminista – 2º (segunda) Onda Feminista – com a publicação de *Le deuxième Sexe* (1949) – traduzido no Brasil como *O segundo sexo*, publicado no país em 1980. Em seu escrito, a filósofa francesa faz valorosas contribuições acerca da condição feminina, problematizando a trajetória da mulher desde o caráter biológico, discutindo o perfil inferior feminino em relação ao homem, pontuando ainda fatores como a divisão sexual no curso na história, dentre outras temáticas.

Beauvoir (1980) integra a leva de escritoras que rompem/transgridem e denunciam a prática histórica de silenciar a mulher. A escritora destacou em seus estudos que os fatores genéticos não definiriam o caráter das características do ser humano, tal fator de definição de gêneros seria produto do meio social, assim a ativista busca estruturar a ideia de igualdade entre os sexos. Tal pensamento pode ser encontrado na seguinte passagem de sua obra *O segundo sexo*: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 09).

No momento em que se estuda a biografia de mulheres engajadas na luta por direitos de igualdade social, deve-se voltar o lume para as mudanças que ocorreram ao longo do tempo na trajetória das mesmas, sobretudo porque constata-se as temáticas e as posições sociais (inferiores) que os seres femininos ocuparam no decorrer do tempo. A datar de 1960, expandiu-se a bagagem sobre as concepções de caráter feminista, de modo que se repensou a condição da mulher ao longo da história e, sobretudo, selou-se em definitivo seu lugar na crítica literária. Rachel Soihet na obra *Domínios da História* afirma que “A onda do movimento feminista, ocorrida a partir dos anos 60, contribuiu, ainda mais, para o surgimento da história das mulheres” (1997, p. 276). Dentre alguns fatores que teriam marcado esse

---

<sup>4</sup> “Her book *A Room of One’s Own* (1929) was to become a classic ‘document’(q.v.) of the feminist critical movement. She addressed herself to the issue of why there were so few women writers and why it is frequently difficult or impossible for a woman to write” (CUDDON, 1999, p. 31).

momento histórico Zolin destaca a expansão dos direitos políticos e civis das mulheres em uma aplicação social. (2005, p. 181).

Tais questões repercutiriam no ambiente acadêmico de forma que os docentes defenderiam a inserção de disciplinas voltadas para o estudo específico das mulheres. As pesquisas eclodiram principalmente nas universidades francesas e, posteriormente, expandiram-se para outros países. Logo, as análises sobre a mulher ampliaram-se e originaram colóquios, cursos de formação, grupos de estudos, sendo reconhecidos em um âmbito institucional.

Uma importante ativista e estudiosa do movimento feminista foi Betty Friedan, que se sobressaiu nos estudos sobre a condição da mulher. Ela em 1963 publicou a obra *The Feminine Mystique* [A Mística Feminina], livro considerado um divisor de águas para o movimento feminista nos Estados Unidos e demais países que incorporaram seus pensamentos e influências. A escritora incentivou as mulheres a questionarem sua condição submissa e o domínio que o mercado de consumo exercia sobre elas, incentivando ainda a busca por suas identidades. A autora se reconhecia dentro do que chamou de “viver segundo a mística feminina” (FRIEDAN, 1971, p.63), ou seja, dentro dos padrões pré-estabelecidos para uma boa dona de casa e mãe.

Friedan (1971) retrata em sua obra o abatimento das mulheres que, mesmo inseridas no ambiente acadêmico, viviam sem grandes perspectivas e metas, pois, ao serem questionadas sobre o futuro que percorreriam, tinham a plena certeza que não utilizariam de forma satisfatória os conhecimentos que adquiriam durante o ensino superior. Havia a necessidade de transpor o papel reservado a mulher na sociedade – no caso o de esposa devota e submissa –, pois na ótica de Betty Friedan, a mulher não somente era influenciada mais influenciava ativamente o corpo social, de maneira que emergiu a ideia que a mesma necessitava retomar seus projetos e se posicionar como um ser atuante e pensante no tocante ao social. A escritora observou ainda que a sociedade de consumo utilizou o lugar disposto socialmente à mulher para vender produtos que transmitissem a ideia de preenchimento para lacunas vazias de suas vidas, assim, elas aprendiam a apenas copiar a imagem que lhes eram anunciadas pela mídia consumista. Nesse sentido, Friedan afirma que as mulheres:

[...] Julgavam ser desnecessário fazer uma opção, planejar o futuro, organizar a vida. Bastava esperar passivamente ser escolhida. Depois o marido, os filhos e a nova casa decidiram o resto. Deslizaram facilmente para a sua função sexual antes de saber quem eram como pessoa humana. Estas são as que mais sofreram dos problemas sem nome (FRIEDAN, 1971, p. 68).

Ainda segundo a escritora a problemática da mulher não estava alicerçada sobre o caráter sexual, mas o grande obstáculo era a busca por sua subjetividade. Durante o curso da história, o ser feminino foi inibido de desenvolver suas ponderações acerca do mundo que as rodeava. Dessa forma, o movimento feminista tornou-se um despertar da condição de inércia que se encontravam. Friedan (1971, pg. 71), observa que: “Foi a necessidade de uma nova personalidade que conduziu as feministas a abrir trilhas inéditas para a mulher”. Como consequência disso, muito se discutiu sobre a conduta e as aspirações das tais “feministas”, logo não seriam vistas com bons olhos por aqueles que sempre as oprimiram.

Por muito tempo foi fecundada a ideia de que o movimento feminista teria sido originado da repulsa ao homem, ou pelo fato de que as mulheres não possuíam o mesmo aparelho reprodutivo, conforme analisou Freud. Efetivamente, as mulheres lutavam contra premissas sociais antiquadas e machistas que as viam como seres que infringiam as ordens naturais divinas. Dessa maneira, criou-se segundo Friedan (1971, p. 77), o “mito de que as feministas eram “monstros antinaturais” baseava-se na crença de que destruir a submissão da mulher, ordenada por Deus, seria destruir o lar e escravizar os homens”. Assim, dentro desse corpo social, somente o homem possuía voz. À vista desses fatores, surgiu à necessidade notória da mulher atuar em uma nova óptica, conseqüentemente retirando-se da vitimização, concebendo então uma voz ativa.

Em meados dos anos 70 (setenta), a partir da tese de doutorado – *Sexual Politics* – de Kate Millet, nasce, de fato, a crítica feminista. Tal trabalho levantaria discussões além do caráter literário do texto, pois abordaria questões de cunho político através das personagens dos romances concebidos de autoria masculina, visto que, tais escritores ilustrariam suas heroínas em um papel de inferiorização ou em um segundo plano na trama. Millet (1970) discorre em sua tese sobre a opressão da mulher a partir do conceito do patriarcado, evidenciando assim um modelo social que oprime a mulher. Conforme Zolin (2003), Kate Millet critica a visão dos estudiosos que apontam padrões comportamentais a imagem da mulher como provindos de caráter biológico, concordando com Simone de Beauvoir quando afirma em sua obra *O segundo Sexo* (1980) que os papéis sociais são construídos dentro da comunidade. Logo, verifica-se que tal caráter submisso imposto a mulher influenciava diretamente no “âmbito acadêmico”, visto que, as obras contempladas faziam referência a figura masculina, a esse respeito Zolin afirma que:

[...] nas narrativas de autoria masculina, as convenções dão forma as aventuras, bem como moldam as conquistas românticas segundo um direcionamento masculino. Além disso, são construídas como se seus leitores fossem sempre homens, ou de



modo a controlar a leitora para que ela leia, conscientemente, como um homem (ZOLIN, 2003, p. 56).

Desse modo, nota-se que o cânone masculino dominava o cenário literário, evidenciando a posição das mulheres em seus escritos em um caráter preconceituoso e inferior, nesse sentido as deliberações do movimento feminista influenciaram diretamente um despertar da teoria crítica feminista, estes voltados para análises de textos que contemplem os estudos sobre a mulher.

Ao discorrer sobre os estudos da crítica literária de lavra feminina é pertinente que destaque-se a definição dos termos que estão no cerne das pesquisas acerca da mulher, no caso as noções dos termos: “feminino” e “feminista”. A definição de feminino, de acordo com o *Dicionário da Crítica Feminista* (2005, p. 68): “Pode abarcar dois sentidos distintos, o de imitação e conformidade com os padrões sociais e sexuais tradicionalmente identificados como pertencendo à mulher, e o da descoberta de si, isto é, da sua subjetividade e diferença em relação ao masculino.”

Neste primeiro viés, o sexo feminino é delimitado através de uma personalidade submissa, superficial e emotiva; em uma segunda perspectiva a mulher seria vista como um sujeito ativo na busca de sua identidade no meio social (sociedade patriarcal). A definição do termo “feminista” nasce em referência as lutas do sexo feminino por igualdade de direitos (políticos, sociais, etc.). Inseridos nesses conceitos anteriormente citados, verifica-se a permanência de certos princípios cristalizados relacionados a imagem da mulher que seriam abordados posteriormente no meio literário e, em especial, pela produção literária feminina, a esse momento Showalter nomeia de *female literary tradition*. Zolin destaca esse momento:

[...] ela [Showalter] divide a literatura inglesa, produzida no período de 1840 a 1960, em três etapas: a primeira, que abrange o período de 1840 e 1880, ela chama de *feminina* e se caracteriza pela repetição dos padrões tradicionais, pela imitação do modelo da cultura dominante; a segunda, chamada *feminista* e é marcada pelo protesto e pela ruptura em relação aos modelos e valores dominantes; a terceira, *fêmea* (ou mulher), é a fase da auto-descoberta, da busca da identidade, que se inicia em 1920 e se estende até os dias atuais, sendo que apresenta um novo estágio de autoconsciência na década de 60 (ZOLIN, 2003, p. 83).

É importante considerar que a “teoria crítica feminista”, é fruto da mobilização feminista voltada para os estudos literários. Nesse sentido, podemos verificar a definição do termo: Crítica Feminista, no *Dicionário da Crítica Feminista*:

A sua estratégia tem sido múltipla: quer centrando-se essencialmente nas representações literárias da diferença sexual, quer no modo como os gêneros literários têm sido moldados de acordo com os valores masculinos ou femininos,

quer ainda como a exclusão da voz feminina do terreno literário, da crítica ou da teoria (MACEDO & AMARAL, 2005. p. 26).

Logo, torna-se, pertinente elucidar as distintas vertentes da crítica feminista, que analisam o estudo de estereótipos associados a mulher, arquitetados por uma prática acadêmica de caráter patriarcal, no intuito de despertar olhares para as produções literárias do cânone feminino.

No que se poderia chamar de 3ª Onda do Feminismo, destacam-se as estudiosas Sandra Gilbert e Susan Gubar. Na obra *The Madwoman in The Attic* (1984), elas debatem a metáfora de Gerard Manley Hopkins em 1886 associando a imagem de uma caneta metaforicamente ao pênis, logo, evidenciam a ideia de um gerar literário provindo do homem, retratando o mesmo como um “pai” que dá vida há seus escritos, visto que o falo masculino é um órgão que gera a vida. Portanto, segundo Gilbert & Gubar (2000, p. 04), “tal pensamento destaca um poder patriarcal sobre a criação literária retratando o homem como um “Deus” que gera a vida em suas produções literárias”. Nestas criações a mulher seria descrita como um objeto ou um ser preso em meio a convenções regidas pela sociedade patriarcal.

Em meados de 1970 nos Estados Unidos, posterior a publicação da tese de Millet (*Sexual Politics*), foi fecunda a aspiração por parte das estudiosas da crítica feminista de abrir um leque para análises literárias de autoria exclusivamente feminina, com enfoque nos seguintes aspectos: os de caráter biológico, político-cultural, linguístico e psicanalítico. Desta maneira, tais óticas pretendiam esclarecer os princípios das construções de gênero, de modo que se articulasse a quebra dos grilhões de poderio (autoria masculina) impostos à mulher.

Dentre as vertentes dos estudos da teoria crítica feminista, podemos destacar a vertente de cunho biológico e seu objeto de estudo a mulher. É importante enfatizar que a visão da crítica feminista quando tratada sobre o aspecto biológico, revela duas visões distintas: a masculina que destaca um ângulo puramente reprodutivo, ou seja, ligado ao “útero” da mulher, e a feminina que vislumbra a anatomia da mulher de modo superior, neste sentido, a constituição física da mesma estaria ligada a uma fonte de inspiração.

Outra vertente que deve ser pontuada é a que estuda os aspectos linguísticos, estes voltados para uma discussão filosófica, analisando para tanto as convenções empregadas pelas mulheres no uso da linguagem. Tais deliberações investigam a linguagem como fonte de distinção entre os sexos, na tentativa de desvendar as diferenciações (caso existam) através de definições biológicas e sócio-culturais. Nesta vertente, seriam estudados aspectos da fala, leitura e escrita a fim de constatar se há realmente distinções entre os gêneros linguisticamente. Ainda sobre o enfoque linguístico (textual), Zolin (2003, p. 58) pontua que as estudiosas francesas “defendem a reinvenção da linguagem, ou seja, a adoção de uma

linguagem feminina revolucionária, capaz de romper com a ditadura do discurso patriarcal, de estrutura falocêntrica, falando não apenas contra ele, mas fora dele”.

Outro enfoque abordado pela crítica feminista trata das concepções dos fundamentos psicanalíticos, estes ligados ao enfoque biológico e linguístico anteriormente expostos, localizando a diferença na “psiqué” do escritor. Portanto, tal seguimento psicanalítico tomou a priori os estudos de Sigmund Freud, analisando o complexo de castração e a fase epidiana para investigar a correlação da mulher com a escrita na busca por investigar a identidade da mulher.

Posteriormente, o enfoque se dá na questão político-cultural que trata de linhas de estudos marxistas – envolvem estudos sobre gênero e classe social –, ou seja, o foco está em ordens de análise da cultura popular, em mudanças nas esferas sociais e econômicas e nas relações de equiparação de jugo entre gêneros. A esse respeito Zolin (2003, p. 182) sublinha: “[...]a crítica literária feminista é profundamente política na medida em que trabalha no sentido de interferir na ordem social.”

Considerando as perspectivas citadas anteriormente, é pertinente destacar que tais enfoques estão presentes em duas vertentes da teoria crítica feminista: a crítica feminista anglo-americana e a crítica feminista francesa, tais linhas circundam em torno de um alicerce primordial que seria o da averiguação e discussão do modelo patriarcal base do meio social. A primeira vertente diz respeito a crítica feminista anglo-americana que delibera sobre questões que abordam o estudo do feminino incorporado aos estudos literários visando uma quebra dos moldes subordinados no qual a mulher via-se enquadrada pelo cânone masculino. Logo, é possível destacar dois ramos de estudos: a “crítica feminista” e a “ginocrítica”. Nesse seguimento o *Dicionário da Crítica Feminista* pontua que:

[...] Tal como Showalter afirma, a crítica feminista tem vindo a demonstrar que o olhar da mulher enquanto leitora e crítica privilegia no fenómeno literário perspectivas e reflexões ausentes ou negligenciadas pela crítica literária tradicional, bastião dos intelectuais masculinos. Assim, a crítica feminista tem visado prioritariamente, estabelecer o *gênero* ou o *espaço do feminino* como uma categoria fundamental nos estudos literários (MACEDO & AMARAL 2005, p. 26).

Estes ramos de estudo da crítica feminista anglo-americana são definidos através dos estudos da estudiosa americana Showalter, fato descrito por Zolin do seguinte modo:

A crítica norte-americana Showalter (198 D5) sistematiza os estudos sobre a mulher e literatura identificando dois tipos de crítica: a “crítica feminista”, que se dedica a mulheres com leitoras, ocupando-se da análise dos estereótipos femininos, do sexismo subjacente à crítica literária tradicional e da pouca representatividade da mulher na história literária; e o que ela chama de “ginocrítica” que se dedica a mulheres como escritoras, constituindo-se em um discurso crítico especializado na

mulher, alicerçado em modelos teóricos desenvolvidos a partir de sua experiência, conhecida por meio do estudo de obras de sua autoria (ZOLIN, 2003, pg. 60).

Por esse ângulo, a crítica feminista posiciona a mulher no centro do debate literário expondo a imagem rotulada da mulher disseminada no interior da crítica tradicional/patriarcal. Tais conceitos demonstram a discriminação ligadas a questão sexuais. Desse modo, nos escritos da crítica tradicional verifica-se uma posição de sexismo voltado principalmente para a questão da linguagem, destacando a mulher de forma subalterna, destacado na seguinte passagem do *Dicionário da Crítica Feminista*:

[...] O tratamento desigual dos sexos (e o subsequente silenciamento do sexo feminino) inscreve-se na linguagem através de mecanismos linguísticos (como conotações derogativas do feminino, usos do masculino genérico, ou padrões sintáticos que silenciam agentes e participantes), e também através de atitudes e práticas linguísticas (como sejam atitudes negativas perante determinadas práticas supostamente femininas, como a tagarelice ou a ‘conversa de mulheres’). Mecanismos e práticas linguísticos provocam representações negativas e deficitárias da mulher, oprimindo-a (MACEDO & AMARAL, 2005, p. 177).

Desta forma, tais hábitos no uso da linguagem apenas denotam um caráter depreciativo a imagem feminina, sendo assim, tais estereótipos necessitam ser revistos no intuito de adaptar o uso da linguagem à realidade atual da mulher.

Com relação à ginocrítica, ela refere-se ao estudo das obras de autoria feminina, embasado em uma análise crítica voltada para a mulher, desenvolvida a partir de abordagens teóricas que visam o meio feminino. Portanto, tal corrente demonstra a figura feminina como autora de um conteúdo textual que aborda temas antropológicos, históricos, sociológicos, psicológicos, entre outras abordagens, estes centrados em um cânone feminino. Ademais, é possível observar uma citação concisa do termo criado pela crítica estadunidense Eliane Showalter, no *Dicionário da Crítica Feminista*:

[...]’a ginocrítica começa no momento em que nos libertamos dos limiares absolutos da história literária masculina, deixando de tentar encaixar as mulheres nas entrelinhas da tradição masculina e nos concentramos, em alternativa, na nova realidade visível da cultura feminina’ (Showalter, 1986: 131), (MACEDO & AMARAL, 2005, p. 26-27).

Em relação à crítica feminista francesa, a mesma esteve alicerçada sobre as considerações de três estudiosas: Hélène Cixous, Luce Irigaray, Julia Kristeva. Tais críticas fundamentaram seus estudos além da análise literária, uma vez que observaram questões psicanalíticas, linguísticas e semióticas, envoltos na teoria feminista no intuito de apontar um

estilo especificamente ligado ao feminino com o propósito de denunciar o preconceito e a condição subordinada de tal sexo.

Tais estudiosas defendiam por intermédio de uma visão psicanalítica as distinções entre os sexos de modo psicológico em determinada conjuntura social. Para a crítica literária francesa Hélène Cixous, uma das precursoras do feminismo na Europa, a dicotomia: macho/fêmea, representa um componente elementar da cultura no ocidente, demonstrando ainda a que o papel de inferiorização está reservado a mulher. Tais considerações sublinhadas por Cixous, são destacadas por Zolin (2003, p. 64) do seguinte modo: “[...] o termo inferior é sempre associado com o elemento feminino; o termo que ocupa a posição privilegiada, com o masculino: trata-se da “solidariedade do logocentrismo ao falocentrismo”

A posteriori, observa-se as ponderações da filósofa belga Luce Irigaray sobre a corrente crítica feminista francesa, destacando uma visão psicanalítica sobre os estudos relacionados a mulher e a literatura. O exame de tais postulações apontavam uma prática social de observar a mulher pela ótica do falocentrismo, ou seja, por um viés de inferiorização e exclusão. Segundo Zolin (2003, p.66), “[...] discordando da lógica falocêntrica, Irigaray busca aspectos da anatomia feminina (seios, vagina e clitóris) que negam-se a uma posição de castração”.

O terceiro pilar da corrente crítica feminista francesa, seria Julia Kristeva que esteia suas considerações sobre questões linguísticas, psicanalíticas e literárias. A filósofa e crítica internacional ocupa-se ainda de questões ligadas ao estudo de identidades, sexualidade, escrita, entre outros aspectos, porém discorda de uma linha de pesquisa que priorize um discurso e uma escrita inerente ao feminino.

Os estudos acadêmicos voltados para a crítica feminista no Brasil avançaram em meados dos nos 80 (oitenta), a partir de grupos de pesquisa fundamentados em análises de textos teóricos e, conseqüentemente, na exposição de resultados de pesquisas sobre a mulher e sua representação no meio literário. Tal alicerce expandiu-se em 1984 com a fundação da Anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), no qual realizou-se o *GT Mulher e Literatura*, integrando estudos de pesquisadores sobre um tema central, oportunizando a divulgação de pesquisas e linhas de estudos nas áreas de língua e literatura. Zolin destaca que: “O resultado positivo dessas iniciativas pode ser constatado tendo em vista o substancial aumento de seminários específicos sobre a mulher, de cursos de extensão e pós-graduação, de teses e monografias e de publicações sobre o tema” (2003, p. 73).

Portanto, conclui-se que ao contemplar as vertentes, linhas e terminologias imersas na teoria crítica feminista é possível perceber um quadro acerca dos estudos e análises voltadas para a mulher enquanto leitoras e escritoras e seus posicionamentos sobre os estereótipos femininos construídos pelo cânone masculino. A seguir a pesquisa volta-se para a uma análise bibliográfica da vida e obra da escritora, para que se compreenda os fatores que influenciaram sua escrita.

## 2. JANE AUSTEN: VIDA E OBRA

### 2.1 A trajetória de Austen e suas influências

Jane Austen (1775-1817) é um ícone da literatura britânica e mundial. Suas obras ressoam a mais de dois séculos entre leitores e admiradores de seus romances além de servirem de esteio para estudos acadêmicos, desse modo, torna-se pertinente sublinhar fatos de sua vida e obra, visto que tais fatores influenciaram diretamente suas narrativas e em particular o objeto desta pesquisa: *Persuasion* [Persuasão] (1818). A escritora nasceu em 16 de Dezembro de 1775, na Inglaterra na zona agrária de Hampshire (Steventon), residindo boa parte de sua vida nesta localidade, filha do casal George Austen (1731-1805) e Cassandra Leigh (1739-1827), ambos pertencentes a classe menos abastada da nobreza.

Jane Austen era a sétima filha da linhagem de oito irmãos, cujos nomes eram: Henry (1771-1850), que acompanharia de perto o desenvolvimento dos escritos da irmã, negociando algumas de suas publicações e escrevendo sua biografia postumamente; Cassandra (1773-1845), sua confidente e amiga, cuja proximidade pode ser percebida nas correspondências que trocaram durante a breve vida de Austen, pode-se afirmar que foram cerca de 100 (Cem) cartas; Charles (1779-1852) que serviu a marinha juntamente com o irmão Frank (1774-1865), os irmãos dela combateram durante as guerras napoleônicas, e devido a tais serviços na Academia Real da Marinha foram promovidos a almirantes, em *Persuasion* (1817) o protagonista torna-se capitão da marinha evidenciando o apreço que a escritora sentia pelos irmãos. Edward (1767-1852), que fora adotado por Thomas Knight primo do reverendo Austen, abraçando posteriormente o sobrenome de seus benfeitores – Edward Austen Knight; James (1765-1819), tornou-se um prodígio, entrando para Oxford aos 14 (quatorze) anos, tornando-se médico em 1887; e George (1766-1838), o único dentre os homens que não

A família Austen apresentava uma condição financeira instável, fato ligado ao costume de primogenitura, tal circunstância estabelecia que as terras e o patrimônio da família seriam repassados ao filho mais velho ou em alguns casos para a filha, o que não era o caso de George Austen e Cassandra Leigh, pais de Jane Austen, porém comungavam em um círculo influente de relações, tal conjuntura colaborava na sobrevivência da família. Essa questão foi levantada por Austen em *Pride e Prejudice* [Orgulho e Preconceito] (1813), visto que as irmãs Bennet não poderiam herdar a casa da família, pois o herdeiro direto segundo a lei da primogenitura era o primo Mr. Collins, logo, a mãe Mrs. Bennet afligisse na busca por realizar bons casamentos para as filhas, para que não fiquem desamparadas no futuro.

Outro fator ligado a situação financeira menos abastada da família, seria a ausência de um dote para que suas filhas (Cassandra Austen e Jane Austen) tivessem a oportunidade de realizar no futuro um bom casamento. Os problemas financeiros da família influenciavam diretamente nos escritos da romancista, realidade descrita por Janet Tood na seguinte passagem da obra *Jane Austen in Context*:

A escrita de Austen na juventude mostra uma crescente consciência das realidades econômicas da vida para as mulheres nas franjas da pequena nobreza, realidade que canalizam dinheiro e terras para os homens, ignorando as mulheres como sua mãe ou ela mesma<sup>5</sup> (Tradução nossa).

Neste sentido, observa-se que as questões econômicas problematizadas em suas obras evidenciam uma influência direta de particularidades da vida da escritora, tais fatores faziam-se presentes nas discussões literárias da família e nas paródias das obras de autoria de Austen, estas reunidas em *Juvenilia* (três volumes), que teve início em 1787, época que a escritora tinha 11 anos, e continuou durante os seis anos seguintes (até Junho de 1793). Ainda sobre as questões econômicas refletidas em seus escritos, Tood (2005, p.07) pontua que:

As desigualdades de herança patriarcal permeiam os primeiros romances publicados por Austen, *Razão e Sensibilidade* (1811; elaborado a partir de Novembro de 1797, a partir de um romance de 1795 em letras, 'Elinor e Marianne') e *Orgulho e Preconceito* (1813; redigido como "First Impressions", Outubro 1796-agosto de 1797). As primeiras versões dessas obras, escritas no final de sua adolescência e aos vinte e poucos anos, certamente também refletem uma preocupação com a realidade e a ameaça de deserdação de filhas que o trabalho de Ruth Perry revelou como característica de romances do século XVIII em geral, e Austen, em particular<sup>6</sup> (Tradução nossa).

Em meados de 1783, Cassandra e Jane deixaram a residência dos pais na localidade de Hampshire para residir com Mrs. Cawley, com o propósito de dar continuidade em suas formações educacionais. Neste período as irmãs residiriam em Oxford e posteriormente em Southampton, porém, devido a um surto de Tifo que se alastrou na época, partiram novamente para a residência dos pais. Em 1785, foram conduzidas a Abbey School um internato próximo de Reading – especula-se que este período no internato teria inspirado a romancista a retratar

<sup>5</sup> “Austen's youthful writing shows an increasing awareness of the economic realities of life for women on the fringes of the gentry, realities that channel money? and land to men, bypassing women like her mother or herself” (TOOD, 2005, p.06).

<sup>6</sup> The inequities of patriarchal inheritance pervade Austen's first published novels, *Sense and Sensibility* (1811; drafted from November 1797, from a 1795 novel in letters, 'Elinor and Marianne') and *Pride and Prejudice* (1813; drafted as 'First Impressions', October 1796-August 1797). The early versions of those works, written in her late teens and early twenties, certainly also reflect a preoccupation with the reality and threat of disinheritance of daughters that Ruth Perry's work has revealed as characteristic of eighteenth century novels in general, and Austen's in particular (TOOD, 2005, p. 07).



no romance *Emma* (1815) o internato de Mrs. Goddard –, porém, ao final do ano letivo as irmãs encerram em definitivo seus estudos na instituição, passando assim, a continuar os estudos no ambiente doméstico.

Em relação as leituras no seio familiar, constata-se que a figura paterna, o reverendo George Austen, – formado em Oxford em 1760 – incentivou e contribuiu para a formação educacional da romancista, visto que o mesmo era tutor, e lecionava para aprendizes no próprio ambiente familiar. O hábito da leitura cultivada no lar, realizava-se através de uma biblioteca particular voltada para o divertimento da família, logo, o círculo familiar era um ambiente de discursos intelectuais e culturais.

Em 1801, o reverendo Austen já havia reunido em torno de 500 (quinhentos) títulos em sua biblioteca particular, dentre os escritos encontravam-se obras de: Samuel Richardson, Laurence Sterne, Henry Fielding, etc. Neste mesmo ano, George Austen aposentou-se de suas atividades e mudou-se com a família para Bath (1801-1806), posteriormente, em 1805 o pai falece e a condição financeira agrava-se, logo, mãe e filhas passam a contar com a ajuda financeira dos homens da família. Austen nunca viria a contrair matrimônio, em sua biografia há apenas indícios que durante a adolescência flertou com Mr. Heartley e Mr. Thomas Lefroy, por quem demonstrou mais afeição, porém a condição financeira do pretendente não favorecia o enlace matrimonial.

Ao descortinar a vida da romancista inglesa é perceptível o isolamento e a discrição que conservou ao longo de sua breve vida. Austen permaneceu distante da sociedade literária e não manteve correspondência com outros escritores, dessemelhante da escritora Anglo-Irlandesa Maria Edgeworth (uma das precursoras do romance europeu), que correspondeu-se com Sir. Walter Scott tido como criador do Romance Histórico – gênero que trata de uma junção entre ficção e história –, ambos lidos por Jane Austen em sua juventude; apesar do contato da escritora com os escritos de Scott a mesma tratava com zombaria aspectos românticos na obra do escritor. Entre as leituras da autora no século XVIII podem ser citados obras tidas como romances clássicos cujos autores são: Richardson, Pope, Shakespeare, Hume, Johnson, Byron, e o próprio Walter Scott, estes mencionados de modo particular no romance *Persuasão* (1818), fato que pode ser observado na seguinte narração:

[...] A conversa que haviam tido na noite anterior não o impedia de buscar de novo a companhia dela, e caminharam juntos por algum tempo, falando como antes do sr. Scott e de Lorde Byron, e incapazes como antes, e tão incapazes quanto quaisquer

outros dois leitores, de pensar exatamente igual sobre os méritos de ambos os poetas.<sup>7</sup> (AUSTEN, 2012, p. 133)

Logo pode-se dizer, que Jane Austen foi uma leitora assídua de romances, assim como seus familiares. Segundo citação de Todd (2005, p.41; tradução nossa): “O gosto do Sr. Austen era liberal, englobando todas as espécies de literatura, de acordo com a "Biographical Notice" de Henry Austen”.<sup>8</sup>

Ainda sobre suas influências, Austen foi uma espectadora pontual das produções teatrais (comédias e farsas) encenadas no celeiro da reitoria de Steventon, vila localizada na rural da Inglaterra, onde assistiu ensaios de peças de escritores, como: David Garrick, Isaac Bickerstaffe, Henry Fielding, Susannah Centlivre, Richard Brinsley Sheridan, e Hannah Cowley. Tais peças influenciaram a inserção de arquétipos cômicos (libertinos, tagarelas, hipócritas, cônjuges mal-humorados, dentre outros perfis.) em suas obras. Em relação as influências góticas que os Austen tiveram contato destaca-se um momento que Jane Austen presenciou o pároco George Austen lendo o romance gótico *The Midnight Bell* (1798), de Francis Lathom, e utilizou a mesma referência em sua obra *Northanger Abbey* (1817), – uma paródia gótica – quando Isabella Thorpe dá uma lista de obras para leitura a Catherine Morland.

Analisando a vida de Austen, é perceptível que a escritora preservou um vínculo íntimo com sua irmã Cassandra a primeira crítica de seus romances e sua primeira leitora, já que acompanhava o desenrolar das tramas enquanto ela escrevia. Cassandra era três anos mais velha, e tornou-se a grande confidente da escritora, além de dividirem o fascínio pela leitura e encenações teatrais, ainda sobre o laço fraternal das irmãs, William Baker (2008, p.09; tradução nossa) dirá que:

[...] Pareciam levar uma vida para si mesmas dentro da vida familiar geral, que era compartilhada apenas por ambas. Não vou dizer que seus sentimentos e opiniões

---

<sup>7</sup> [...] Their conversation, the preceding evening, did not disincline him to seek her again; and they walked together some time, talking as before of Mr. Scott and Lord Byron, and still as unable, as before, and as unable as any other two readers, to think exactly alike of the merits of either (AUSTEN, 1993, p.103).

<sup>8</sup> Mr Austen's taste was liberal, encompassing every species of literature', according to Henry Austen's 'Biographical Notice (TODD, 2005, p.41).

foram conhecidos apenas por elas mesmas. Somente elas compreenderam plenamente o que cada uma tinha sofrido, sentido e pensado<sup>9</sup>.

A maior parte das informações que se conhece sobre Jane Austen foram publicadas por seu irmão Henry em 1818 na obra “Biographical Notice” e colhidas com alguns de seus sobrinhos e sobrinhas. Estes ressaltavam que Austen era uma mulher de caráter modesto, ligada a família e reservava-se costumeiramente ao ambiente domiciliar. Porém, a visão apenas da família estreita a veracidade das informações sobre a vida e obra da autora, de modo que, umas das avaliações biográficas relevantes seria examinar outros aspectos, dentre eles o financeiro fator de grande relevância. Tais fatores Tood (2005, p.08-09) pontua do seguinte modo:

[...] Embora não tenha começado a escrever por dinheiro, Austen ficou encantada com seus primeiros ganhos reais: escreveu a seu irmão Frank para anunciar que todas as cópias da primeira edição de *Sense and Sensibility* tinham sido vendidas: "me trouxe £ 140 - Além dos direitos autorais, se aquele fosse sempre de algum valor. - Eu tenho agora, ao escrever, ganho £ 250. [Tendo vendido os direitos autorais de *Pride and Prejudice* por £ 110] - o que só me faz desejar mais" (L, 3-6 de julho de 1813). Ou seja, Jane Austen tornou-se um escritora profissional.<sup>10</sup>

Mediante a esta citação, observa-se que a romancista enxerga a possibilidade de ganhos com sua escrita, o que mais tarde oportunizou um sentimento de realização financeira e profissional, posto que, com o sucesso de vendas de suas obras a autora obteve animo para dar continuidade a sua escrita, o que a tornou uma escritora de sucesso e reconhecimento. Todavia, as primeiras publicações da romancista foram assinadas com um pseudônimo “A lady”, tal fator deve-se ao tratamento preconceituoso que as escritoras recebiam no meio social e no caso especificamente o literário, desse modo, utilizavam pseudônimos para obter respeito no mercado.

Austen, começou a sentir fraqueza, cansaço e dores por volta de 1815, mas suas crises agravaram-se em 1817, na época os médicos não tinham conhecimento sobre a doença que a atingia (doença de Addison), assim sendo a escritora mudou-se para Winchester para tratar-se, porém em Julho de 1817 faleceu. Jane Austen, deixou um testamento onde favorecia

<sup>9</sup> [...]“seemed to lead a life to themselves within the general family life, which was shared only by each other. I will not say their full feelings and opinions were known only to themselves. They alone fully understood what each had suffered and felt and thought” (BAKER, 2008, p. 09).

<sup>10</sup> [...] Though she did not begin by writing for money, Austen was delighted by her first real earnings: she wrote to her brother Frank to announce that every copy of the first edition of *Sense and Sensibility* had been sold: 'it has brought me £140 - besides the Copyright, if that shd ever be of any value. - I have now therefore written myself into £250. [having sold the copyright of *Pride and Prejudice* for £110] - which only makes me long for more' (L, 3-6 July 1813). That is, Jane Austen became a professional writer (TOOD, 2005, p.08-09).

a sua grande companheira em vida, sua irmã Cassandra. Seu corpo está sepultado na Catedral de Winchester, localizada em Hampshire no Reino Unido.<sup>11</sup>

O próximo subtópico apresenta a cronologia das publicações das obras da escritora, a partir de sua primeira publicação até as publicações póstumas.

## 2.2 Aspectos da Poética de Jane Austen

Certamente a posição de Jane Austen está firmada no panteão literário, devido ao talento e genialidade de sua pena. Seus escritos provindos do século XIX foram traduzidos em inúmeros idiomas – Francês, Russo, Dinamarquês, Alemão, etc. –, o que contribuiu para o seu reconhecimento no cânone literário e principalmente para a difusão de seus escritos. Ao todo, suas obras somam em: 06 (seis) romances acabados, 02 (dois) romances inacabados, a obra *Juvenilia* (dividida em três volumes). Definir com exatidão a cronologia dos trabalhos de Austen é uma tarefa difícil, visto que, há uma escassez de informações sobre a escritora, desse modo, seus escritos podem ser estudados naturalmente segundo Tood (2005, p. 12, Tradução nossa): “[...] por três vias: de composição, de reformulação e publicação.”<sup>12</sup>

O romance *Northanger Abbey*, publicado postumamente (1817) teria sido a primeira obra acabada de Austen. Segundo Tood (2005, p. 12; tradução nossa), Austen “concluiu a obra em 1803 com o intuito de publicar em seguida”.<sup>13</sup>

De acordo, com as memórias do sobrinho da escritora James Edward Austen-Leigh, os seis romances acabados são produtos de duas notáveis fases de sua criação literária, fato este que ocorre no intervalo de seus vinte e trinta anos. Desse modo, acredita-se que *Sense and Sensibility* (1811), *Pride and Prejudice* (1813), e *Northanger Abbey* (1817) (intitulado anteriormente pela autora de *Susan*) foram compostos no período que a romancista encontrava-se no convívio familiar em Steventon, época que representou na vida da escritora um período de estabilidade emocional, resultando em um despertar de sua criação literária.

No ano de 1795, é provável que Jane Austen tenha dado início a escrita de “Elinor and Marianne” que, posteriormente, em 1797 ganharia o título de *Sense and Sensibility* [Razão e Sensibilidade]. Porém, o livro somente foi aceito para publicação por Tomas Egerton em 1810 e, de fato, publicado um ano depois, em 1811. Todos os exemplares do

<sup>11</sup> Doença de Addison: Distúrbio nas glândulas adrenais que não produzem hormônios suficientes para corpo. Os sintomas do mal de Addison costumam ser graduais e progressivos. Dentre os sintomas pode se destacar: fraqueza, perda de peso, hiperpigmentação de pele e mucosas, dor abdominal.

<sup>12</sup> There are three obvious chronologies: of composition, of redrafting and of publication (TOOD, 2005, p. 12).

<sup>13</sup> Austen had written there: 'This little work was finished in the year 1803, and intended for immediate publication.' (TOOD, 2005, p. 12).

romance foram vendidos e por eles a escritora obteve a quantia de £140, além do mais, lucrou com os direitos autorais. O primeiro esboço da obra foi escrito quando Austen tinha apenas 19 anos, até este período a romancista só tinha escrito obras curtas, portanto, *Sense and Sensibility* [Razão e Sensibilidade] (1811) é a primeira obra longa da escritora.

O enredo da obra gira em torno da dicotomia Razão *versus* Sensibilidade, as duas irmãs (Elinor and Marianne) representam tais aspectos do seguinte modo: o senso de razão pertencente a Elinor e o sentimentalismo a Marianne. É relevante destacar a relação de proximidade entre as irmãs Elinor e Marianne no romance *Sense and Sensibility* [Razão e Sensibilidade] (1811), e ainda Elizabeth e Jane Bennet em *Pride and Prejudice* [Orgulho e Preconceito] (1813), visto que tais conexões podem ser comparadas aos laços íntimos estabelecidos entre Jane Austen e a irmã Cassandra Austen durante toda a vida da escritora, evidenciando assim aspectos de sua vida interiorizado em seus escritos.

Em 1797 já existiam rascunhos da obra *Pride and Prejudice* [Orgulho e Preconceito] cuja publicação deu-se em 1813. Tal obra começou a ser revisada em 1811 ainda sobre o título original de *First Impressions* [Primeiras Impressões], e seus direitos autorais foram vendidos para Thomas Egerton que publicou a primeira edição em formato de capa dura dividido em três volumes. Esta foi a única obra de Austen cujos direitos autorais foram vendidos, as demais obras foram negociadas por comissão, ou seja, o autor assume os gastos com produção e publicidade e o editor a comissão sobre as cópias a serem negociadas, desse modo, o autor da obra mantém os direitos autorais sobre seus escritos. A obra foi escrita em Steventon, na província de Hampshire, quando ela estava com 21 anos.

*Pride and Prejudice* [Orgulho e Preconceito] (1813) é considerada a obra prima da escritora, visto que além de encantar os leitores com o enredo bem construído da trama ainda descreve com excelência a sociedade do século XIX, demonstrando o papel primordial que o matrimônio exercia no corpo social, fato que pode ser observado no início do romance *Pride and Prejudice* [Orgulho e Preconceito] (1813), na seguinte passagem: “É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar necessitado de esposa.”<sup>14</sup> (1982, p. 09, Tradução nossa). Verifica-se que Austen utiliza uma linguagem carregada por um humor irônico ao tratar de um tema de primordial importância para aquele modelo social, no caso, o casamento.

Em 1799, é presumível que a escritora estava concluindo a escrita do romance *Northanger Abbey* então intitulado *Susan*. Posteriormente, em 1802, ela revisa o livro e,

---

<sup>14</sup> “It’s a truth universally acknowledge, that a single man in possession of good fortune must be in want of wife.” (AUSTEN, 1982, p. 09).

finalmente, em 1803, teria vendido os direitos sobre a obra para Benjamin Crosby, com a promessa de publicação no ano de 1804; a escritora empenhou-se por uma nova publicação em 1809, porém o romance foi publicado apenas postumamente, em 1817. Tal produção está dentre as obras de maior extensão de autoria de Jane Austen, atrás apenas de *Sense and Sensibility* (1811) e *Pride and Prejudice* (1813), trata-se de uma criação satírica visto que a escritora brinca ironicamente com os romances góticos que eram lidos de forma frequente na época e, cujo início remete-se ao século XVIII.

A obra *Northanger Abbey* [A Abadia de Northanger] (1817) ambienta-se em Bath, localidade onde a autora passou parte de sua vida em 1917, tal romance narra a história de Catherine Morland uma jovem amante da leitura, principalmente dos romances góticos cuja principal característica é a presença de acontecimentos sobrenaturais, tais escritos eram populares entre os leitores do século XVIII, período no qual o romance se ambienta. Austen, neste romance, utiliza uma linguagem irônica para satirizar os leitores ávidos por romances góticos, visto que Catherine Morland fantasia viver aventuras sobrenaturais em castelos e mosteiros, aparentemente influenciada por suas leituras daquele gênero, principalmente as obras de sua autora preferida a inglesa Ann Radcliffe, pioneira na escrita dos romances góticos. É importante destacar ainda que *Northanger Abbey* (1817) surge após seis meses do falecimento dela e, traz uma nota biográfica de seu irmão Henry nomeando Jane Austen pela primeira vez como autora de seus romances.

No ano de 1804, provavelmente, a escritora teria iniciado a obra *The Watsons* [Os Watsons], todavia não concluiu seu trabalho deixando a obra inacabada. *The Watsons* [Os Watsons] (1804) foi escrito quando a romancista morava na cidade de Bath e seria visto posteriormente pela crítica literária por um novo prisma, é o que Toood pontua na seguinte passagem de sua obra *Jane Austen in Context* (2005, p. 15; tradução nossa):

[...] mas é escrito com um novo realismo, e o olhar crítico de Austen que aqui treina sobre a superfície da sociedade de cidade pequena lançando uma ponte dos estudos romanticamente ilusórios de *Sense and Sensibility* e *Pride and Prejudice* aos estudos domésticos mais sombrios de *Mansfield Park* e *Emma*<sup>15</sup>.

A obra *The Watsons* [Os Watsons] (1804) trata ainda da difícil situação financeira que era imposta as mulheres na sociedade, provavelmente a escritora influenciada por sua própria condição econômica inseriu tais aspectos na obra, é pertinente pontuar que ela mudou-

---

<sup>15</sup> “But it is written with a new realism, and the bleak critical eye Austen here trains upon the surface of small-town society throws a bridge from the more romantically illusioned studies of *Sense and Sensibility* and *Pride and Prejudice* to the darker domestic studies of *Mansfield Park* and *Emma*” (TOOD, 2005, p. 15).

se para Bath após o falecimento do reverendo George Austen, fato que agravou sua situação financeira.

Em 1811, inicia-se o planejamento da obra *Mansfield Park*. Mais tarde, no ano de 1813, a autora já estava com a metade da obra concluída. Neste mesmo ano, Thomas Egerton aceita publicar seu trabalho e, posteriormente em 1814, o livro é publicado. O livro conta a história da heroína Fanny Price, uma jovem de caráter tímido, cuja família encontra-se em uma difícil situação financeira acarretando na ida de Fanny para a casa dos tios afortunados na propriedade de Mansfield Park. Tal obra, expressa uma linguagem mais contida em sua narrativa através de uma heroína mais resignada e contida diante as adversidades da vida em sociedade.

Austen começa a escrever o romance *Emma* em Janeiro de 1814 e conclui a obra em Março de 1815, posteriormente em Dezembro de 1815 finaliza o romance que é publicado por John Murray e dedicado ao Príncipe Regente, George IV. *Emma* (1815) é um reflexo fiel da sociedade rural inglesa do século XIX, um período marcado pelo poderio patriarcal e logo delineado por uma forte opressão feminina. Observa-se através da heroína um resumo fiel do período, marcado portanto por uma sociedade ligada aos bons costumes, as posses, aos títulos, a religiosidade e determinados valores morais (puritanos).

Em Agosto de 1815, Austen começa a escrever *Persuasion* [Persuasão], cujo rascunho inicial foi concluído em Julho de 1816, a obra foi finalizada em 06 de Agosto do mesmo ano, este período ainda foi marcado pelo agravamento da saúde da escritora. John Murray publica a obra postumamente, em 1818. A trama circula em torno de Anne Elliot que é persuadida a não firmar compromisso com o jovem Frederick Wentworth devido a sua posição social e econômica inferior à dela; anos depois o casal se reencontra e a heroína já em uma idade madura, assume uma nova postura.

O último escrito de Austen foi *Sandition* que começou a ser rabiscado em 27 de Janeiro de 1816 e, interrompido em 18 Março de 1816, provavelmente em decorrência da saúde debilitada da escritora, permanecendo assim inacabado. O romance traz onze capítulos e, no enredo, a história de Charlotte Heywood que é chamada pelo casal Parker para passar uma temporada na comunidade de Sandition, em um balneário que o casal está abrindo a beira mar, a jovem é apresentada a sociedade local. Seguidamente, o trabalho aborda as relações de gênero que envolvem os personagens no romance.

### 3. QUESTÕES DE GÊNERO EM *PERSUASÃO*

Neste capítulo, serão pontuados aspectos do contexto histórico-social no romance *Persuasion* [Persuasão] a fim de analisar as relações de gênero que envolvem os personagens inseridos na narrativa, bem como o viés feminista que é incorporado a obra.

#### 3.1 Anne Elliot: o despertar para a vida

Nos seis romances concluídos de Jane Austen é possível observar a vulnerabilidade de mulheres vivendo sobre os ditames impostos pela sociedade, buscando somente a preservação do prestígio e bom nome de suas famílias, seguindo assim os papéis limitados a elas. Na obra em estudo, Austen tece uma trama apresentando perfis femininos em meio à sociedade inglesa do século XIX, evidenciando as experiências vividas por suas heroínas sob domínio patriarcal. Este subtópico irá demonstrar como através da personagem Anne Elliot, a autora responde a questões sobre inferioridade e submissão impostas à mulher, destacando o conservadorismo e preconceitos infligidos ao ser feminino neste período.

É importante destacar que *Persuasão* (2012), gira em torno da personagem Anne Elliot, uma das três filhas do baronete Walter Elliot, proprietário de Kellynch Hall. Anne apaixona-se em sua juventude por Frederick Wentworth e é pedida em casamento pelo jovem, porém é impedida pela família e por Lady Russel (amiga íntima da família), a unir-se ao pretendente devido a sua difícil condição financeira e a falta de prestígio social. Tal ruptura leva a heroína a uma vida sem emoção e/ou contentamento na casa paterna, porém, passados sete anos do término do relacionamento, Anne passa uma temporada em Uppercross na casa de sua irmã mais nova, Mary, reencontrando-se novamente com o antigo noivo, agora em um alto posto na marinha britânica e com grande fortuna. A partir desse momento, Anne aflige-se ao ter que conviver com Frederick, por ainda amá-lo e ao observar o interesse e encantamento de Louise e Henrietta Musgrove por ele, agora um capitão da Marinha inglesa. Posteriormente, Anne irá para a cidade de Bath para encontrar-se com o pai e sua irmã Elizabeth, nesse ambiente a heroína será cortejada por seu primo, Mr. William Elliot, herdeiro direto de Kellynch Hall, contudo, a visita das senhoritas Musgrove a Bath acompanhadas por Frederick sela de fato o destino dos personagens, uma vez que o capitão Wentworth escreve uma carta declarando seus sentimentos a Anne, promovendo então a reconciliação e reaproximação de ambos.



Vista de modo amplo, a literatura é compreendida atualmente pela historiografia como um veículo para acessar a história social de determinada nação, de modo que, esta forma de arte reproduz através das palavras, características históricas, culturais e sociais de dado período, povo, cultura. Ao se pensar a literatura é possível atrelar a ela um conceito de imitação ou recriação através dos escritos literários, nesse sentido, pode-se, destacar *A poética* de Aristóteles (2003) que apresenta a literatura – tragédia, comédia, poesia, a lírica, etc. – como um saber que imita (mimesis) a vida. Citemos ainda, Candido em sua obra *Literatura e Sociedade*: “Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (2010, p. 13), deste modo, é nítido o papel que a literatura desempenha enquanto mecanismo de se pensar o meio social, promovendo ainda de modo singular a inserção de grupos excluídos/marginalizados no percurso da história e do cânone literário, como é o caso da autoria feminina.

Candido (2010, p. 28) destaca que possivelmente a romancista francesa Madame de Staél foi uma das pioneiras ao perceber a literatura como produto da representação social, expressando assim as particularidades de determinada civilização. Em *Persuasão* (2012), última obra concluída pela escritora inglesa Jane Austen e publicada postumamente, é perceptível que a escritora suscita questões de relevância social, principalmente quando analisado à luz da teoria crítica feminista. Tal narrativa revela ao leitor a presença de múltiplas relações de sexo/gênero, evidenciadas por intermédio de aspectos culturais do modelo social vigente na sociedade patriarcal do século XIX. Ademais, ao se discutir as relações de gênero no texto literário é pertinente que se defina o conceito de Gênero, desse modo, o *Dicionário da Crítica Feminista* pontua que:

[...] o termo <<gênero>> tem vindo a incorporar significados mais explicitamente relacionados com as dimensões política, sexual e cultural. Este processo de evolução de sentido foi fortemente influenciado pelo panorama anglo-americano, em que, graças ao trabalho efectuado pela teoria e crítica feministas, a palavra <<gender>> (inicialmente significando só a distinção gramatical – note-se que, para a periodização literária, a língua inglesa tem o termo <<genre>>), passaria a definir-se em relação a sexo e a significar a construção social ou cultural daquele. Assim, e por influência do inglês, no panorama português cada vez mais se vê aplicada a palavra <<gênero>> com o sentido de categoria sexual socialmente construída (MACEDO & AMARAL, 2005, p. 88).

Historicamente, a tradição literária reservou a mulher o espaço privado, ou seja, era somente representada dentro de um contexto doméstico, visto que, o ambiente público estava destinado ao homem, evidenciando assim, a resignação, a passividade, a submissão e falta de expressão do ser feminino nas tramas, ou seja, o protagonismo do enredo era destinado ao

homem. Desse modo, pode-se aplicar a tal contexto as considerações da teoria crítica feminista que atua no sentido de evidenciar e denunciar os ideais patriarcais presente nas obras, desconstruindo assim um pensamento de superioridade masculina.

*Persuasão* (2012), é fruto das conjunturas do século XIX, do mesmo modo que a conduta da heroína Anne Elliot, é talhada pelas convenções e hábitos sociais. Portanto, verificar as condições sociais internas e externas do romance é de grande relevância para delinear as relações de gênero que permeiam a narrativa e principalmente para que se compreenda o comportamento da heroína em meio a burguesia da zona rural inglesa.

Aos olhos do baronete sir. Walter, Anne ocupava um lugar inferior na família se comparada as outras filhas, não possuía a beleza e virtudes de Elizabeth e não estava casada como Mary, agora sra. Charles Musgrove, logo, o nobre não depositava nenhuma expectativa positiva na filha. Fato descrito a seguir no romance:

[...] Anne, porém, com uma elegância espiritual e uma doçura de caráter que lhe teriam merecido a admiração de pessoas de real inteligência, não era ninguém aos olhos do pai ou da irmã; sua palavra não tinha nenhum peso, tinha sempre de ceder; era simplesmente Anne (AUSTEN, 2012, p. 12)<sup>16</sup>.

Porém, para Lady Russel, Anne ocupava um lugar de destaque dentre as três filhas do baronete, para ela a afilhada herdará as qualidades da falecida mãe, todavia, aos olhos do pai a personagem com os anos perderá o viço e o encanto. Com o falecimento da sra. Elliot, a educação dispensada às três filhas do baronete sir. Walter Elliot ficou a cargo de lady Russel, amiga de grande estima dos Elliot. Fato descrito na seguinte passagem da obra:

[...] Tinha ela, porém, uma amiga muito íntima, mulher sensata e de méritos, que fora atraída por seu forte apego a ela a se estabelecer nas proximidades, no vilarejo de Kellynch; e lady Elliot confiava sobretudo no auxílio de sua bondade e seu discernimento para salvaguardar os bons princípios e levar adiante a educação das filhas, em que tanto se empenhara.<sup>17</sup> (AUSTEN, 2012, p. 11).

Portanto, observa-se que a educação das filhas foi legada à uma mulher que partilhava da mesma condição financeira e pertencia à mesma classe social que a matriarca da família e, sobretudo, partilhava dos mesmos valores e princípios sociais. Assim, é possível observar que a mulher deveria ser educada, desde a infância, para seguir os padrões regidos

<sup>16</sup> [...] but Anne, with an elegance of mind and sweetness of character, which must have placed her high with any people of real understanding, was nobody with either father or sister: her word had no weight; her convenience was always to give way – she was only Anne. (AUSTEN, 1993, p.11).

<sup>17</sup> [...] She had, however, one very intimate friend, a sensible, deserving woman, who had been brought, by strong attachment to herself, to settle close by her, in the village of Kellynch; and on her kindness and advice, Lady Elliot mainly relied for the best help and maintenance of the good principles and instruction which she had been anxiously giving her daughters. (AUSTEN, 1993, p. 10-11).

pela sociedade que neste período eram voltados para o matrimônio e para a maternidade. Ao analisar o caráter de lady Russel à luz da crítica literária feminista, observamos que os valores patriarcais se sobrepõem de modo nítido na obra, visto que, a personagem possui preconceitos cristalizados sobre a condição social da mulher e a sociedade de modo geral, fato observado na seguinte passagem:

[...] Era culta e, em geral, racional e coerente, mas tinha preconceitos no que se refere aos antepassados. Prezava tanto a condição social e a influência das pessoas que isso a cegava um pouco para os defeitos daqueles que as possuísem.<sup>18</sup> (AUSTEN, 2012, p. 20).

Na verdade lady Russel não observava as falhas do caráter de pessoas de maior poder aquisitivo e pertencentes a nobreza, mais julgava como inferior os que não possuíam um status social elevado e uma condição financeira abastada, logo, tais aspectos do romance demonstram traços do preconceito social incrustado na sociedade do século XIX. O período que abrange o século XIX está marcado sobre uma forte cultura de superioridade social e domínio masculino, não se vislumbrava a ideia de uma igualdade de sexos pois a sociedade (patriarcal) estava mergulhada em uma cultura sexista. Fato descrito por Perrot na seguinte citação: “Ser mulher nunca é fácil, sobretudo naquele século 19 que, em sua racionalidade triunfante, provavelmente levou a seu paroxismo a divisão sexual dos papéis e dos espaços, definindo o “lugar das mulheres” com um rigor apoiado no discurso científico” (PERROT, 2005, p.79, *apud* FREIRE, 2011, p.08).

A importância do papel assumido por Lady Russel no seio daquela família, após a perda da matriarca, será notado a seguir, em um episódio que alterará os rumos da protagonista. No verão de 1806, Frederick Wentworth um jovem atraente, belo e de bons sentimentos corteja Anne Elliot que nutre o mesmo interesse por um enlace, fato descrito na seguinte passagem: “[...] Seria difícil dizer qual viu maior perfeição no outro ou qual foi mais feliz: ela, ao receber sua declaração e seu pedido, ou ele, por vê-los aceitos.”<sup>19</sup> (AUSTEN, 2012, p. 38)

Neste período Frederick Wentworth não possuía posses ou títulos fato de extrema importância para a sociedade da época, desse modo, esta aliança foi considerada inadequada ou como a própria narradora sublinha: “desonrosa”.

<sup>18</sup> [...] She had a cultivated mind, and was, generally Speaking, rational and consistent – but she had prejudices on the side of ancestry; she had a value for rank of those who possessed them. (AUSTEN, 1993, p. 16).

<sup>19</sup> [...] It would be difficult to say which had seen highest perfection in the other, or which had been the happiest; she, in receiving his declarations and proposals, or he in having them accepted. (1993, p. 30).

A sociedade patriarcal do século XIX possuía dentre suas características a preocupação com as convenções sociais e considerava de extrema importância o poder aquisitivo dos membros de sua sociedade. De tal modo que a filha de um nobre jamais cassar-se-ia sem o consentimento da família com um pretendente que não fosse de sua posição social e financeira. Portanto, dentro desse círculo social a vontade da mulher na escolha de seu futuro marido era irrelevante, visto que o desejo do patriarca da família prevalecia. Logo seu pai, Sir. Walter Elliot, governava a vida de Anne Elliot. Tal característica evidencia a (o)pressão social que a mulher sofria em meio à sociedade patriarcal do século XIX, fato que a escritora descreve com rigor em sua obra através da heroína da trama.

Na narrativa Anne Elliot aceita passivamente a reprovação de sua união com Frederick Wentworth, pois seu pai e Lady Russel julgavam tal ato como uma união infeliz e inapropriada, visto que um homem sem título ou posses era um homem sem valor e a mulher só restava acatar as decisões. É importante que se entenda que Austen utiliza-se desse recurso para criticar o fato que as jovens levavam tal tipo de vida, isto é, eram forçadas a aceitar o que a família lhe impusesse. Assim como suas tramas giram em torno de moças - e suas mães - preocupadas em conseguir um casamento, isto se configura em forma de crítica irônica, de certo modo, sutil por parte da autora para criticar a única opção honrosa para uma moça de família, o casamento. Visto que a ironia é uma figura de duplicidade, diz-se algo pretendendo o sentido oposto, a autora assim o faz, imprimindo sua visão feminista em favor das mulheres, sem o caráter panfletário de muitas de suas contemporâneas. Isto levou Austen a não ser plenamente compreendida em seu tempo, inclusive as irmãs Brontë irão criticá-la, poucas décadas depois, exatamente pelo fato de não alcançarem a estratégia que Austen utiliza para registrar e advogar a causa feminina.

No caso de *Persuasão* (2012), verifica-se que Lady Russel influenciou diretamente o julgamento de Anne Elliot para que recusasse o pedido, persuadindo-a a recusar um casamento por amor, em virtude do nível social inferior do seu amado pretendente. Na verdade, é comum nas obras de Austen o equilíbrio entre o amor e uma vida financeira estável. Austen não prega um amor interesseiro, mas, sabedora da difícil vida das mulheres de sua época, propõe em sua obras que o amor e o casamento aconteça de modo que ofereça segurança emocional e financeira para suas heroínas. Isto ocorre, como bem ilustra *Persuasão*, a preocupação da autora com o fato de que, para as mulheres do seu tempo e sociedade, não ter dinheiro significava um fardo a mais para elas carregarem, visto que, além de ter que lidar com criação de filhos, não ter dinheiro significava que as jovens teriam que realizar as difíceis tarefas domésticas.

Observamos também, em *Persuasão* (2012) que neste corpo social existia um círculo de interesses quando se tratava da preservação de sobrenomes, títulos e fortunas. Tal influência é descrita nesta passagem:

[...] mas lady Russel, que ela sempre amara e em quem sempre confiara, não podia, com tal firmeza de opinião e tal ternura de maneiras, estar continuamente a admoesta-la em vão. Foi persuadida de que aquele noivado era algo errado, indiscreta, imprópria, fadado ao insucesso e indigno.<sup>20</sup> (AUSTEN, 2012, p.39).

Identifica-se na passagem acima que Lady Russel, de fato, está preocupada apenas com o valor social da união, e não com os fatores afetivos da heroína. Na verdade, é este o entendimento da personagem, embora o texto, em si, mostre que o ideal é que se una o útil ao agradável: amor e boas condições financeiras, para aliviar-se o fardo da vida de casada.

Depreende-se também da citação acima, que a opinião da heroína do romance era ignorada, visto que Anne Elliot foi levada a agir mesmo que de forma sutil de acordo com os padrões estabelecidos na sociedade patriarcal, pois Anne acabou por apenas reproduzir a vontade senhorial, mesmo que impelida através de uma figura feminina, esta já encaixada dentro dos ditames androcêntricos. Observa-se, ao considerar-se o pensamento de Austen em suas obras, nesta em particular, ao ilustrar as pressões sociais sobre as mulheres, de algum modo subverte-as, propondo uma decisão equilibrada entre amor e finanças para suas heroínas, não apenas uniões matrimoniais centradas exclusivamente no amor (como era comum às classes mais baixas, visto não terem as jovens pobres opção além de casarem-se com pessoas de seu nível), nem apenas no materialismo (como era igualmente comum nas classes abastadas).

Jane Austen, ao longo da trama, apresenta um amadurecimento da protagonista, enquanto um ser cuja identidade e percepção sobre a vida estão em construção, em processo de amadurecimento. Passados 7 anos do rompimento do noivado, o coração da Anne Elliot ainda está ocupado pela lembrança de Frederick, de modo que, aos 22 anos, quando novamente pedida em casamento, desta vez, por Charles Musgrove (herdeiro de propriedades fundiárias e de posição social elevada), recusa o pedido, fato que aborreceu lady Russel, pois vislumbrava nesse enlace uma boa oportunidade para Anne, fato descrito a seguir: “[...] ter-

---

<sup>20</sup> [...] – but Lady Russel, whom she had Always loved and relied on, could not, with such steadiness of opinion, and such tenderness of manner, be continually advising her in vain. She was persuaded to believe the engagement a wrong thing – indiscreet, improper, hardly capable of success, and not deserving it. (AUSTEN, 1993, p. 39).

lhe-ia agradao vê-la aos vinte e dois tão respeitosaente afastada das prevenções e das injustiças da casa paterna.”<sup>21</sup> (AUSTEN, 2012, p. 40)

Observa-se que Lady Russel preocupava-se com o destino de Anne, pois acreditava que no círculo social no qual comungavam uma boa posição social era alcançada através de um bom casamento, principalmente para uma jovem educada para exercer o papel de esposa e mãe, e portanto, não possuía uma profissão (o que era permitido apenas às mulheres de classes baixas). Caso não contraísse casamento restava a jovem morar na casa de parentes que lhe sustentassem ou trabalhar de governanta ou professora em alguma escola para moças, sobretudo porque Anne já havia “passado da idade de se casar,” para os padrões da sua sociedade.

Nesse ponto de sua vida, Anne, demonstra uma atitude firme ao recusar o pedido e, principalmente, os conselhos de Lady Russel, fato que demonstra uma mudança significativa da heroína entre seus 19 e 22 anos. Desse modo, Anne nega-se a unir-se a um homem que é aceito por sua família devido a sua boa condição financeira e prestígio social, logo, sua vontade prevalece pela primeira vez, ante a família e principalmente às normas sociais impostas às mulheres. Sua consciência de gênero já dava sinais de que a jovem amadurecera e, embora não sendo tão assertiva, como outras personagens da autora no conjunto de sua obra, a exemplo de Elizabeth Bennet, de *Orgulho e preconceito*, Anne Elliot já sabe o que deseja para si e encontra coragem e força para, desta vez, fazer prevalecer a sua vontade.

É neste cenário patriarcal que aos 27 anos Anne Elliot analisa o rompimento com Frederick de modo mais maduro, arrependendo-se de sua passividade, observamos tal afirmação na seguinte passagem:

[...] Estava persuadida de que por maiores que fossem as desvantagens da desaprovação familiar e por pior que fosse a incerteza acerca da profissão dele e todos aqueles prováveis medos, atrasos e decepções, ela teria sido uma mulher mais feliz se mantivesse o noivado do que o era tendo-o sacrificado;<sup>22</sup> (AUSTEN, 2012, p. 41).

A maturidade traz a personagem uma mudança perceptível, Anne toma consciência de sua vontade como indivíduo, ou seja, ao longo da narrativa a heroína está construindo sua subjetividade. Todos esses anos fizeram Anne perceber exatamente suas opções enquanto mulher: por não ter contraído matrimônio ainda, ela vivia como uma solteirona em casa de

<sup>21</sup> “[...] she would have rejoiced to see her at twenty-two, so respectably removed from the partialities and injustice of her father’s house” (AUSTEN, 1993, p. 32)

<sup>22</sup> “[...] She was persuaded that under every disadvantage of disapprobation at home, and every anxiety attending his profession, all their probable fears, delays and disappointments, she should yet have been a happier woman in maintaining the engagement than she had been in the sacrifice of it; (AUSTEN, 1993, p. 33).

seu pai, servindo a um e a outro membro da família, sempre que eles precisavam, seja em caso de doença ou apoio moral sobre alguma intempérie da vida. Ser solteirona naquela época era um terrível fardo para mulheres, visto que, com a morte dos pais, deveria viver de favores nas casas de parentes. Tendo saído da condição de filha na casa paterna, seria agora, tal figura, um fardo para os parentes que deveriam sustentá-la. Para “cobrir” as despesas e a “bondade” deles, a solteirona tinha que se tornar uma espécie de governanta, um tipo de função na qual Anne praticamente já se encontrava, embora ainda na casa de seu pai, neste ponto da narrativa. Diante disso, restava-lhe: continuar como estava ou casar-se com qualquer pretendente de boas condições financeiras.

Todavia, como a integração da heroína às normas da sua sociedade, porém em condições que lhe sejam favoráveis é uma das características da pena de Austen, Anne não se precipitará. Uma reviravolta do destino lhe aguarda e a levará a atingir seus objetivos, o aguardado final feliz das obras austenianas. O costumeiro final feliz em obras de Austen não se configura em uma fuga à realidade, muito menos os finais de suas obras são desenhados de maneiras irrealis, mas opções que, posteriormente, se tornaram possíveis para as mulheres de qualquer classe social. Ou seja, Austen antecipa questões/possibilidades plausíveis e justas para suas heroínas que ajudaram a influenciar sua sociedade no modo de pensar e agir no que se refere às relações de gênero.

Nesse sentido, observa-se na narrativa que anos após o falecimento da matriarca da família Elliot, o baronete sir. Walter passa a ter sérios problemas financeiros, assim sendo, não consegue honrar suas dívidas com fornecedores e sempre ultrapassa a renda familiar devido ao padrão de vida que, como um nobre, não se abstém de manter. Episódio narrado a seguir: “[...] Quando lady Elliot estava viva, havia método, moderação e economia, o que o manteve dentro dos limites de suas rendas; mas com ela morrera toda essa sensatez, e a partir de então ele passou a estourar regularmente o orçamento”<sup>23</sup> (AUSTEN, 2012, p. 16).

Observa-se que a situação dos Eliott se agrava, de modo que o baronete pede ajuda a lady Russel e um amigo de grande estima, o sr. Shepherd, que passam a buscar uma solução digna para a difícil situação da família. Lady Russel, decide consultar Anne que encontrava-se excluída até então. Com a sensatez de seu caráter, a heroína busca uma solução digna para todos, traçando assim um plano severo na busca por quitar a dívida no menor tempo possível, porém as sugestão de lady Russel e Anne foram vistas com grande horror pelo baronete “[...]”

---

<sup>23</sup> [...] While Lady Elliot lived, there had been method, moderation, and economy, which had just kept him within his income; but with her had died all such right-mindedness, and from that period he had been constantly exceeding it. (1993, p. 14-15).

“Como! Abrir mão de todos os confortos da vida! Viagens, Londres, criados, cavalos, mesa farta... cortes e reduções por toda parte!”<sup>24</sup> (AUSTEN, 2012, p.21).

O sr. Eliott decide-se por alugar Kellynch Hall, propriedade da família Elliot, único modo encontrado para economizar, manter a vida confortável e o bom nome da família. Contudo, a propriedade só seria alugada para um candidato digno e segundo o baronete “[...] sobre suas próprias condições e como um grande favor”<sup>25</sup> (AUSTEN, 2012, p.24).

Posteriormente, o sr. John Shepherd, amigo íntimo do baronete sir. Walter, observa que os oficiais abastados da marinha estão retornando com o término da guerra, logo seria a oportunidade ideal para alugar a propriedade para alguém honrado. E assim ocorreu, o almirante Croft foi apresentado para o baronete como um bom candidato a alugar a propriedade. O almirante Croft e a sra. Croft não tinham filhos, portanto eram o casal perfeito para preservar a propriedade e a mobília dos Elliot. O sr. Shepherd observou também que a esposa do almirante era irmã de um jovem que já havia residido nas redondezas e, assim, seguiu-se especulando quem era tal morador. Foi Anne, que lembrou ao amigo do baronete o nome do jovem: “– Você se refere ao sr. Wentworth, não é?” (AUSTEN, 2012, p. 34).<sup>26</sup> Desse modo, o baronete sir. Walter recordou quem era o irmão da sra. Croft: “– Wentworth? Ah sim... o sr. Wentworth, o cura de Monkford. Você me desorientou com a palavra cavalheiro. Achei que você estava falando de um homem de posses: o sr. Wentworth não era ninguém, eu me lembro, sem nenhum parentesco importante.” (AUSTEN, 2012, p. 34).<sup>27</sup> Sem demora, foi decidido que Kellynch Hall seria locado para os Croft, fato que perturbou Anne, que imediatamente avistou a possibilidade de conviver novamente com Frederick. Posteriormente, ela e sua família partem para fixar residência em Bath, o baronete e a filha querida, Elizabeth e, Anne seguiram para Uppercross.

Tais fatos contribuíram para o retorno do capitão Frederick ao seio da família Elliot, visto que certamente visitaria e irmã e o cunhado (os Croft), em Kellynch Hall. Todavia, retornava em uma posição social elevada, bem superior aos Elliot que estavam passando por dificuldades financeiras. O capitão Wentworth, está dentre os oficiais da marinha que ascenderam socialmente após servir nas batalhas, não possuía títulos de nobreza, sua ascensão era fruto de seu próprio mérito, ele é o que se pode chamar de novo rico. É exatamente na

<sup>24</sup> [...] What! Ever comfort of life knocked off! Journeys, London, servants, horses, table–contractions and restrictions everywhere.(1993, p.18).

<sup>25</sup> [...] on his terms, and as a great favour, that he woul(AUSTEN, 1993, p.20).

<sup>26</sup> [...] You mean Mr.Wentworth, I suppose,” (AUSTEN, 1993, p. 28).

<sup>27</sup> [...] “Wentworth? Oh! ay–Mr. Wentworth, the curate of Monkford. You misled me by the term *gentleman*. I thought were speaking of some man of property: Mr. Wentworth was nobody, I remember: quite unconnected. (AUSTEN, 1993, p. 28).



residência do sr. e sra. Musgrove em Uppercross, que Anne vê-se obrigada a conviver com Frederick novamente, em nome da cordialidade e boa educação, uma vez que, a heroína não tinha voz na sociedade apenas reproduzia a conduta do silêncio e da submissão imposta a mulher.

Verifica-se que durante a narrativa Anne é vítima das convenções sociais do meio patriarcal, desse modo suas emoções, inicialmente, são postas de lado em detrimento das aparências. Para os homens a condição social era outra, viviam com liberdade, podiam participar da vida social, econômica, e política de forma ativa. Nesse sentido, observa-se o herói alcançar fortuna e prestígio desempenhando uma importante função na marinha real, enquanto Anne com os anos vive no ostracismo. Veremos, portanto no desenvolver da narrativa Austen reaproximar o casal de modo sutil, agora que a heroína não mais é persuadida pelos familiares e pela madrinha, lady Russel, pois Anne faz as suas próprias reflexões observando os que a cercam e posicionando-se conforme a sua vontade, construindo assim a sua identidade o que ocasiona a união do casal.

### 3.2 “Guerra dos Sexos?”

Não há guerra dos sexos em *Persuasão* (2012), pelo menos não no sentido moderno da palavra, onde ambos os grupos se digladiariam por alguma razão. Entretanto, é importante aprofundar o olhar sobre esta questão. Na verdade, a guerra que ocorre entre homens e mulheres é silenciosa (os homens já tornaram cristalizado esse *status* no seio daquela sociedade, uma clara necessidade de manter seu lugar e posição de controle social intactos, conforme mostra Woolf (2004), e não declarada (o estado de guerra é permanente, com os vencidos – leia-se, as mulheres - já subjugados, embora, a seu modo, em busca de uma melhor condição de vida). Vencedores e vencidos já são conhecidos desde os primórdios da humanidade, uma vez que a obra emula o cenário social inglês oitocentista já debatido acima. Ainda assim, denunciar um estado de guerra é também empreender uma espécie revolta contra ela. Austen utiliza-se da ficção para tal. Os resultados de suas denúncias e propostas serão absorvidos pelas sociedades no futuro, porque em sua época, sua revolta soou pacífica demais para ser plenamente entendida.

Quando se analisa obras literárias sob a ótica feminista, pode-se pensar que os pontos levantados são sempre os mesmos. Todavia, pode-se pensar o mesmo quando um crítico literário faz o mesmo sobre as lutas de classes, os indivíduos tocados pelas questões póscoloniais, dentre outros. Sendo assim, se os pontos parecem se repetir, seria invalidada a

busca pela mudança daquelas condições, ou é exatamente o fato de chamar a atenção para o fato de que aquilo se repete ou se repetia por séculos a fio que, de algum modo, algum dia, aquilo seria mudado? A resposta parece ser afirmativa, sobretudo ao observar-se as mudanças nos papéis sociais de Austen para a contemporaneidade – embora, em muitas sociedades, não tenha havido tanta mudança ainda em algum ponto ou outro.

Refletir sobre a opressão de raça, classe e gênero nunca será repetitivo num sentido negativo, especialmente porque as condições desses três grupos, que merecem ser mudadas, dificilmente acontecerão plenamente. Há sempre algo a ser alterado em algum ponto da história. Nesta obra, pode-se destacar as particularidades dos papéis ocupados pelos homens e mulheres no meio social retratado por Austen, no seguinte trecho:

Os srs. Musgrove, pai e filho, tinham sua própria caça para preservar e destroçar, seus próprios cavalos, cães e jornais com que se entreter, e as mulheres estavam muito ocupadas com todos os outros afazeres comuns do cuidado da casa, dos vizinhos, das roupas, das danças e da música<sup>28</sup> (AUSTEN, 2012, p. 58).

Nesta citação fica nítido que o contexto histórico da narrativa apresenta características de uma sociedade de domínio patriarcal, visto que o homem desempenhava um poderio social e desfruta de uma posição superior, enquanto as mulheres apenas desempenhavam papéis referentes ao lar, através dos afazeres domésticos ou prendas femininas no caso a música e a dança; a própria Anne tocava piano forte para diversão dos Musgrove.

Outro momento que pode evidenciar uma visão preconceituosa legada à mulher na narrativa de Austen é a postura de Frederick Wentworth quando demonstra aversão a visita de mulheres em seu navio, “[...] Odeio ouvir ou ver uma mulher a bordo; e nenhum navio sob meu comando jamais transportará uma família em que haja mulheres para nenhum lugar, se eu puder evitá-lo”.<sup>29</sup> (AUSTEN, 2012, p. 88).

Talvez, tal posicionamento do personagem seja fruto do noivado desfeito no passado devido à falta de condições financeiras, evidenciando um ressentimento que o protagonista nutre. Frederick alega ainda que não recebe mulheres a bordo devido à falta de acomodações dignas.

---

<sup>28</sup> The Mr. Musgroves had their own game to guard, and to destroy; their own horses, dogs, and newspapers to engage them, and the females were fully occupied in all the other common subjects of housekeeping, neighbours, dress, dancing, and music. (AUSTEN, 1993, p. 44-45).

<sup>29</sup> “[...] I hate to hear of woman on board, or to see them on board; and no ship, under my command, shall ever convey a Family of ladies anywhere, if I can help it”.

Austen nesse momento da narrativa utiliza um tom irônico para denunciar a visão inferior reservada a mulher através das palavras de Sophia Croft irmã do Capitão Frederick: “– Ah! Frederick! Não posso acreditar que você tenha dito tal coisa! Tudo isso são refinamentos ociosos! As mulheres podem se sentir tão confortáveis a bordo como nas melhores casas da Inglaterra”<sup>30</sup> (AUSTEN, 2012, p. 88), e complementa a fala pontuando: “– Mas odeio ouvi-lo falar como um cavalheiro delicado e como se todas as mulheres fossem delicadas, e não seres racionais”<sup>31</sup> (AUSTEN, 2012, p. 89).

Este diálogo é por demais revelador, como muitos ao longo desta obra, na qual, a fala de certas mulheres é profundamente reveladora da consciência de gênero que elas possuem sobre si mesmas.

Aqui Austen antecipa uma crítica a uma ideologia de gênero que já existia em sua época, mas que seria muito difundida na Era Vitoriana (reinado da Rainha Vitória, 1833-1901), a associação da imagem da mulher à fragilidade física e emocional, de modo que deveriam ser tratadas como verdadeiros bibelôs, isto é, bonecas frágeis. Sophia já demonstra sua insatisfação com esta maneira de pensar e mostra que a mulher não quer ser posta em um pedestal e tratada como um ser que poderia ser destruído facilmente. Woolf (2004) denuncia isto ao comentar que a vida das mulheres na ficção era uma, na prática outra. Ao passo em que na ficção as mulheres de classes elevadas deveriam ser tratadas como Frederick pretende, conforme visto acima, na realidade, as mulheres de classes baixas eram verdadeiros animais de carga para seus maridos e patrões.

A fala de Sophie – nome que significa Sabedoria, não por acaso – também revela outra ideologia de gênero associada à discutida no parágrafo anterior, mas o que seria muito mais claramente debatido no romance inglês *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë: a de que a mulher era vista como um anjo – um misto de fragilidade, pureza e santidade. A protagonista de Brontë possui uma língua ferina para denunciar e combater a ambas as formas fúteis e incômodas de se pensar sobre e tratar as mulheres. Jane diz que prefere morrer do que ser um anjo, quando seu noivo a chama de “meu anjo”. Neste momento, ele está tentando transformá-la em um bibelô. Jane era de família de classes elevadas que caíra em desgraça. Órfã de pai e mãe, ele tem que trabalhar como governanta. Apaixonada e igualmente retribuída na afeição pelo dono da mansão onde trabalha, ela é levada por ele a remodelar-se: Rochester quer retirar de Jane as roupas da pobreza e os hábitos da classe trabalhadora que ela

---

<sup>30</sup> “[...] Oh Frederick! – But I cannot believe it of you. – All idle refinement! – Women may be as comfortable on board as in the best house in England”. (AUSTEN, 1993, p. 68).

<sup>31</sup> “[...] But I hate to hear you talking so, like a fine gentleman, and as if woman were all fine ladies, instead of rational creatures.” (AUSTEN, 1993, p. 69).

adquiriu nos anos de dificuldades financeiras comprando-lhe roupas das fúteis damas da sociedade com as quais ele estava habituado a conviver. Jane recusa sofisticar-se naqueles modos que a sociedade de classe e androcêntrica esperava, uma vez que ela está para tornar-se uma dama rica e poderosa, como elas.

Este elo entre as duas obras citadas só reforça o que há foi dito no subtópico anterior acerca de como Austen pavimentou com suas obras o caminho para o que, em três décadas após a sua morte e, conseqüentemente, à publicação de *Persuasão* (1818), tornou-se possível para as mulheres: tanto na vida prática quanto na ficção, irromperem-se com veemência e clareza em um nível muito mais óbvio e contundente do que Austen e sua heroínas fizeram ao pavimentarem o árduo caminho para a formação de uma tradição literária de autoria feminina, e uma tradição literária com personagens femininas que mudariam a representação feminina no ocidente.

Nesse sentido, pode-se verificar o poder da autoria masculina que Austen imprime na obra estudo, uma vez que a autora está na gama de escritoras que utilizaram sua pena para desenhar perfis femininos, demonstrando de modo irônico o tratamento dispensado a figura da mulher em meio a uma sociedade de valores patriarcais. Sua heroína, Anne Elliot, estabelece um diálogo com o Capitão Harville que pontua o tratamento destinado as mulheres em obras de autoria masculina:

[...] – Permita-me, porém, observar que todas as histórias estão contra vocês... todas as narrativas, em prosa e em verso. Se eu tivesse a memória de Benwick, poderia dar-lhe rapidamente cinquenta citações a meu favor, e acho que jamais abri um livro na vida que não tivesse algo a dizer sobre a inconstância das mulheres. Canções e Provérbios falam todos da volubilidade feminina. Mas talvez você vá dizer que todos eles foram escritos por homens. [...] – Talvez eu dissesse. Sim, sim, por favor, nada de referências a livros. Os homens tiveram todas as vantagens contra nós, ao contarem sua própria história. Tiveram sempre uma educação muito superior, a pena estava em suas mãos.<sup>32</sup> (AUSTEN, 2012, p. 277).

É possível concluir que a protagonista da trama de Austen censura a visão masculina sobre o perfil da mulher, pontuando que o homem obteve sempre uma conjuntura favorável, no que diz respeito a uma boa formação educacional, ou por sempre protagonizarem o cenário

---

<sup>32</sup> [...] “well supplied, and want for nothing. – No hurry for a signal at all. – Well, Miss Elliot” (lowering his voice), “as I was saying, we shall never agree I suppose upon this point. No man and woman would, probably. But let me observe that all histories are against you, all stories, prose and verse. If I had such a memory as Benwick, I could bring you fifty quotations in a moment on my side the argument, and I do not think I ever opened a book in my life which had not something to say upon woman’s fickleness. But perhaps you will say, these were all written by men.” “Perhaps I shall. – Yes, yes, if you please, no reference to examples in books. Men have had every advantage of us in telling their own story. Education has been theirs in so much higher a degree; the pen has been in their hands. I will not allow books to prove anything” (AUSTEN, 1993, p. 222 e 223).

da criação literária – cânone masculino e, portanto, não havia espaço para a mulher afirmar-se através da escrita.

Tomando como base esta fala de Anne, Gilbert & Gubar (1894) pontuam que a caneta “pen” [lápiz, em inglês], sempre esteve nas mãos dos homens e que tal objeto seria um símbolo fálico de poder ao ser associado ao pênis, logo não caberia as mulheres estarem no comando da criação literária com a pena em mãos. Ao comentar as ponderações de Gilbert & Gubar (1984), Dias (2011, p.51) dirá que, considerando isto: “[...] a sexualidade masculina, em outras palavras, não é apenas por analogia, mas realmente a essência do poder literário, de modo que o lápis do poeta é de certa maneira – mais do que figuramente – um pênis”.

Verifica-se, portanto, que Jane Austen em seus enredos percorreu sobre estruturas sociais que possibilitam análises em diferentes vias, retratando assim o contexto histórico/social da Inglaterra do século XVIII e XIX de modo particular. Suas narrativas exploram perfis de mulheres em meio a uma sociedade (inglesa) de dominação masculina, portanto um material rico para discussões sobre identidade feminina, relações de gênero, tradições culturais ligadas a mulher, etc.

No capítulo VI, Anne encaminha-se com sua irmã mais nova para a residência dos Musgrove, quando são surpreendidas pela notícia do acidente sofrido pelo filho mais velho de Mary, assim as personagens partem para ver o menino. Mary Elliot casou-se com Charles Musgrove, e morava próximo a casa grande da família Musgrove onde residiam o sr. e sra. Musgrove e, suas cunhadas Louise e Henrietta Musgrove. Passado o incidente Charles, pai da criança decide visitar seus pais que recebem na ocasião o capitão Frederick Wentworth para a ceia, fato que desagrade sua esposa Mary que manifesta-se contra, pois zelaria pela recuperação do filho sozinha.

Considerando que na sociedade patriarcal do século XIX, os cuidados com a prole estavam legados inteiramente a mulher, as queixas da esposa de Charles Musgrove foram condenadas, evidenciando assim os ditames sociais do domínio masculino. Fato descrito na seguinte citação por Anne:

[...] Na verdade, Mary, o comportamento do seu marido me parece muito natural. Não cabe aos homens cuidar das crianças; esse não é o campo deles. A criança doente é sempre propriedade da mãe; geralmente, são os próprios sentimentos dela a fazer com que assim seja.<sup>33</sup> (AUSTEN, 2012, p.73).

---

<sup>33</sup> [...] You will not be hysterical again. I dare say we shall have nothing to distress us. I perfectly understand Mr. Robinson's directions, and have no fears; and indeed, Mary, I cannot wonder at your husband. Nursing does not belong to a man, it is not his province. A sick child is always the mother's property, her own feelings generally make it so.” (AUSTEN, 1993, p. 57).

Deste modo, Anne demonstra pensar de acordo com os perfis elaborados pela sociedade patriarcal do período, acreditando que o cuidado com os filhos é dever único das mulheres. Portanto, torna-se nítido que no corpo social descrito por Austen, a responsabilidade com o bem estar dos filhos era da mulher, responsável ainda por cuidar do lar, e do esposo, destacando a ideologia patriarcal com a qual Anne foi educada e com a qual, até certo ponto, concorda. Segundo Zolin a:

[...] maternidade pode ser vista, de um lado, como uma força sagrada nas culturas primitivas, capaz de elevar a mulher a uma posição de prestígio em relação aos demais membros de seu grupo, ou de outro, como um traço de vulnerabilidade e, conseqüentemente, de inferioridade. (ZOLIN, 2003, p. 43).

No decorrer da narrativa, Anne visita Lyme na companhia de Charles, Mary, Henrietta, Louisa e Frederick, os personagens partem na busca por conhecer as belas paisagens do litoral relatadas pelo capitão e ainda conhecer seu amigo próximo, o capitão Harville. É neste momento da narrativa que ocorre uma mudança considerável na aparência e personalidade de Anne. “[...] Ela estava muito atraente e seu rosto, muito regular e muito bonito, com o frescor da juventude restaurado pela brisa que soprava sobre a pele e pelo brilho nos olhos que isso também produzira”<sup>34</sup> (AUSTEN, 2012, p. 129).

Tal passagem é narrada quando Anne encontra-se na praia em companhia de Henrietta e, posteriormente, Louisa e Frederick, nesse momento passa um cavalheiro por eles e a atenção, de modo que os olhares do jovem voltam-se todos para a heroína que aparenta estar renovada, como em sua juventude, fato relatado a seguir: “[...] Era evidente que o cavalheiro (de maneiras totalmente dignas de um cavalheiro) a admirou demais”<sup>35</sup> (AUSTEN, 2012, p. 130).

Portanto, o leitor nesse momento pode verificar uma nova postura da heroína. Existe aqui uma evolução no quadro da personagem que sai da posição inferior e submissa antes adotada. Assim, o retorno de Frederick traz um amadurecimento a Anne, refletindo assim em aspectos físicos da heroína, o viço da juventude volta à sua face, fato descrito na narrativa: “[...] Lançou a ela um breve olhar, um olhar brilhante, que parecia dizer: “Aquele homem se

<sup>34</sup> “[...]She was looking remarkably well; her very regular, very pretty features, having the bloom and freshness of youth restored by the fine Wind which had been blowing on her complexion, and by the animation of eye which it had also produced.” (AUSTEN, 1993, p. 100).

<sup>35</sup> “[...] It was evident that the gentleman (completely a gentleman in manner), admired her exceedingly”. (AUSTEN, 1993, p. 100).

impressionou com você, e até eu, neste momento, torno a ver em você algo de Anne Elliot”<sup>36</sup> (AUSTEN, 2012, p. 130).

Posteriormente, Anne encontra-se novamente com o jovem misterioso, William Elliot, agora no albergue que estavam hospedados: “[...] e esse segundo encontro, por mais breve que fosse, também revelou mais uma vez, pelo olhar do cavalheiro, que ele a achava adorável”<sup>37</sup> (AUSTEN, 2012, p. 130).

Ao observar o modo como Anne é desenhada nesse momento da narrativa por outro cavalheiro, pode-se reafirmar que a personagem encontra-se em um processo de transformação física e psicológica, assim os que estão em seu entorno percebem também a mudança.

Mais adiante, a narrativa relata a temporada que Anne passa em Bath com o pai e a irmã Elizabeth. Sir. Walter, nota nessa oportunidade a boa aparência da personagem “[...] Ele começou a cumprimentá-la pelo bom aspecto. Achou-a menos magra de corpo e de rosto, com a pele, a tez muito melhor, mais clara, mais fresca”<sup>38</sup> (AUSTEN, 2012, p. 176).

Desde do início da obra, Anne é vista como um ser frágil e de menor valor pela família e, além disso, era submissa à vontade do pai, porém, aqui observa-se que o baronete atentar para a mudança gradativa que a personagem sofre ao longo da narrativa, demonstrando assim o desabrochar de Anne para a vida, levando a personagem a maturidade e a recuperação de sua autoestima. Nesse novo contexto Anne passa a conviver com o sr. Elliot que estava também em Bath e já havia realizado uma visita a Camden Place, bairro nobre onde moravam Elizabeth e sir. Walter Elliot.

Encaminhando-se para o final da narrativa é nítida a reaproximação de sr. William Elliot de seus parentes (a família Elliot), o herdeiro do baronete fora até então visto com grande reprovação, visto que era do interesse do baronete e principalmente de Elizabeth que tivessem contraído matrimônio no passado, porém o sr. Elliot tinha se unido a uma moça rica e de grande beleza mas sem título de nobreza, mas estava viúvo a menos de sete meses. Anne tinha o primo na mais alta conta, achava-o digno e respeitável atribuía a ele os mais altos valores, e sentia grande prazer em sua companhia. Às vezes falavam sobre Lyme, e do desejo de ambos de retornar ao litoral, em uma dessas conversas lembrou-se da troca de olhares entre eles, acontecimento narrado a seguir: “[...] Ele deu a entender que olhara para ela com certa

<sup>36</sup> “[...] He gave her a momentary glance—a glance of brightness, which seemed to say, “That man is struck with you—and even I, at this moment, see something like Anne Elliot again.”(AUSTEN, 1993, p.100)

<sup>37</sup> “[...] and this second meeting, short as it was, also proved again by the gentleman’s looks that he thought hers very lovely.” (AUSTEN, 1993, p.100)

<sup>38</sup> “[...] he thought her “less thin in her person, in her cheeks; her skin, her complexion, greatly improved - clearer, fresher. (AUSTEN, 1993, p.138)

intensidade. Ela bem sabia que era verdade e se lembrava também do olhar de outra pessoa.”<sup>39</sup> (AUSTEN, 2012, p. 178-179). Anne, observava o interesse do primo para com ela, porém ao longo da obra verifica-se que não estava disposta a unir-se em matrimônio com sr. Elliot, visto que amava Frederick. Nesse momento da narrativa a heroína passa a demonstrar uma compreensão sobre si, uma vez que podia simplesmente aceitar a corte do primo para sair do papel de solteirona, nega-se afirmando assim a sua vontade. Desse modo, o romance traz uma personagem em um processo gradativo e árduo de maturação, a heroína trava um embate entre a construção de uma nova identidade e as imposições do mundo patriarcal.

Em certa ocasião, a viúva, viscondessa Dalrymple e sua filha visitaram Bath, fato que causou grande alvoroço para o baronete e Elizabeth, que buscavam a todo custo um modo de se aproximar das primas distantes devido ao jogo de interesses sociais, estar próximo da nobreza trazia mais status a família Elliot, fato visto por Anne com grande reprovação. Anne observava que a viscondessa aceitou receber a família devido as imposições sociais regidas pela boa educação, mas não via real amizade entre eles. Fato relatado a seguir: “– Minha ideia de boa companhia, sr. Elliot, é a companhia de gente inteligente e bem informada, que sabe conversar; é isso que eu chamo de boa companhia”<sup>40</sup> (AUSTEN, 2012, p. 181).

Anne demonstrava sensatez e inteligência, apesar dos anos isolada em uma esfera social estreita onde sua palavra não tinha nenhuma relevância, não perde a lucidez ou doçura, não era fútil e narcisista como o pai ou a irmã, preferia os valores morais e simplicidade das pessoas que julgava de bom caráter. Tal característica é fruto dos valores morais tratados por Austen em suas obras através de seus personagens. Além disso, esta passagem evidencia o amadurecimento da personagem afirmando a construção de sua identidade.

Ora, Lady Russel desejava ver uma união entre o sr. Elliot e Anne, estava confiante que a amiga receberia em breve um pedido de casamento da parte dele:

[...] Confesso que a possibilidade de ter você como a futura dona de Kellynch, a futura lady Elliot, a perspectiva de ver você ocupando o lugar de sua querida mãe, herdando todos os seus direitos e toda a sua popularidade e todas as suas virtudes seria para mim a maior das gratificações<sup>41</sup> (AUSTEN, 2012, p. 191).

<sup>39</sup> “[...] He gave her to understand that he had looked at her with some earnestness. She knew it well; and she remembered another person’s look also.” (AUSTEN, 1993, p. 141).

<sup>40</sup> “[...] My idea of good company, Mr. Elliot, is the company of clever, well-informed people, who have a great deal of conversation; that is what I call good company.” (AUSTEN, 1993, p. 143).

<sup>41</sup> “[...] I own that to be able to regard you as the future mistress of Kellynch, the future Lady Elliot—to look forward and see you occupying your dear mother’s place, succeeding to all her rights, and all her popularity, as well as to all her virtues, would be the highest possible gratification to me. (1993, p. 152).



Porém, será a partir da sra. Smith, uma amiga de infância, que Anne conhecerá o verdadeiro caráter do sr. Elliot. Anne estava envolta na trama do primo que retornou ao convívio familiar por interesse financeiro, a heroína era a única que questionava para si, se de fato aquele homem era tão cheio de valores e de conduta tão agradável para com todos. Suas especulações a respeito do caráter do sr. Elliot se confirmam posteriormente, demonstrado assim o quanto Anne estava sã. Tal verdade sobre o herdeiro do baronete de sir. Walter é narrada a seguir:

[...] Ouça, portanto, a verdade agora, enquanto ainda é imparcial. O sir. Elliot é um homem sem coração e sem consciência. Um ser astuto, desconfiado e frio, que só pensa em si mesmo, que por seu próprio interesse e comodidade cometeria qualquer crueldade ou qualquer falcatura que pudesse ser perpetrada sem risco para o bom nome de que goza. Não tem nenhum sentimento pelos outros. Desdenha e abandona sem dó aqueles de cuja ruína ele foi a principal causa. Está completamente fora do alcance de qualquer sentimento de justiça ou compaixão. Ah! Ele é negro de coração, oco e negro!<sup>42</sup> (AUSTEN, 2012, p. 237) .

Finalmente a sra. Smith explica a Anne que no passado o sr. Elliot havia se esquivado de ir a Kellynch Hall como desejava o baronete e Elizabeth, pois tinha interesse de adquirir fortuna sem demora, assim casou com uma mulher com grandes posses. Tal conduta do sr. Elliot demonstra uma característica daquele modelo social na Inglaterra do século XIX, a maneira mais rápida de obter riqueza era através do casamento, visto que, o homem recebia um dote ao casar e a ele cabia a administração de todos os bens herdados pela cônjuge, assim possuía o controle de toda a fortuna utilizando-a como lhe aprouvesse, como pontuam GILBERT E GUGAR (1996) e WOOLF (2004).

Os fatos do passado relatados pela senhora Smith ainda revelariam que para o sr. Elliot, títulos de nobreza eram irrelevantes, o herdeiro de sir, Walter Elliot odiava o sobrenome da família, e apenas desejava no futuro vender a propriedade que herdaria (Kellynch Hall), de modo que desfrutaria de toda a renda que aquela venda lhe traria. Todas as considerações da sra. Smith espantaram Anne, mas sua amiga a advertiu que os planos de sir. Elliot mudaram com o tempo, agora o mesmo queria ser visto com sir. William e dava o devido crédito ao título que herdaria com isso, todo o esforço foi empreendido para retornar ao ceio da família e atrapalhar os planos de sra. Clay que tentava a todo custo conquistar o

---

<sup>42</sup> [...] Hear the Truth, therefore, now while you are unprejudiced. Mr. Elliot is a man without heart or conscience; a designing, wary, cold-blooded being, who thinks only of himself; who, for his own interest ore ase, would be guilty of any cruelty, or any treachery, that could be perpetrated without risk of his general character. He has no feeling for others. Those whom he has been the chief cause of leading into ruin, he can neglect and desert without the smallest compunction. He is totally beyond the reach of any sentiment of justice or compassion. Oh! He is black at heart, hollow and black! (AUSTEN, 1993, p. 189).

baronete. O sr. Elliot foi amigo íntimo do falecido marido da sra. Smith, deixando-o como executor de seu testamento, porém ele se esquivou da responsabilidade deixando a amiga de Anne em uma difícil situação.

Observa-se que as mulheres não deliberavam ou opinavam em meio a sociedade patriarcal sobre questões relacionadas ao patrimônio, negócios ou dívidas da família, logo, quem dirigia as finanças era o homem, portanto, na falta do esposo nomeava-se um outro homem para administrar essas questões. Na narrativa sra. Smith apresenta o desejo de tentar readquirir uma propriedade deixada pelo falecido esposo nas Índias Ocidentais, o que a deixaria em uma situação financeira favorável, mas jamais conseguiria reaver sozinha tais terras, não cabia a mulher negociar ou resolver questões burocráticas na sociedade, este papel era de domínio masculino, com a recusa do sr. Elliot a personagem então viu-se em uma situação penosa. Anne ao final da conversa só sentia o alívio, por não precisar expressar mais nenhuma consideração para com o primo.

Ao final da narrativa, Anne reencontra Frederick em Bath em um de seus passeios, já havia recebido a notícia do casamento de Louise Musgrove com o capitão Benwick, o que a fez especialmente feliz por ver a possibilidade de uma união entre Frederick e Louisa afastadas. Os dias passam e Anne encontra o capitão em algumas oportunidades, principalmente em um concerto oferecido por lady Dalrymple, a heroína sabia que ele apreciava música, portanto, estava decidida a se aproximar, caso houvesse oportunidade. Assim ocorreu, Anne começou uma conversa amigável com Frederick e notou pela primeira vez carinho por ela em sua fala. No final do concerto sua atitude havia mudado já não demonstrava ternura, fato que fez Anne questioná-lo: “– Será que não vale a pena ficar para ouvir essa canção? – disse Anne, quando subitamente lhe ocorreu uma ideia que a tornou ainda mais desejosa de parecer encorajadora.<sup>43</sup> – Não! – replicou ele, enfático.<sup>44</sup> (AUSTEN, 2012, p. 228).

Anne nota que tal comportamento é motivado unicamente por ciúme, fato que a deixa feliz: “Ciúmes do sr. Elliot! Era esse o único motivo compreensível. O capitão Wentworth com ciúme de seu amor! Poderia ela imaginar uma coisa dessas semana atrás, três horas atrás? Por um momento o prazer foi intenso”<sup>45</sup> (AUSTEN, 2012, p. 228). Anne sentia prazer e felicidade ao observar que Frederick poderia realmente nutrir um sentimento por ela.

---

<sup>43</sup> “[...] Is not this song Worth staying for?” said Anne, suddenly struck by an idea which her yet more anxious to be encouraging.” (AUSTEN, 1993, p. 182).

<sup>44</sup> “No!” he replied impressively. “there is nothing worth my staying for”. (AUSTEN, 1993, p. 182)

<sup>45</sup> “Jealousy of Mr. Elliot! It was the only intelligible motive. Captain Wentworth jealous of her affection! Could she have believed it a week ago–three hours ago! (AUSTEN, 1993, p. 182).

Anne encontrava-se tão radiante que na narrativa é dito que: “[...] Era como se ela espargisse pureza e perfumes” (AUSTEN, 2012, p. 230) pelas ruas de Bath.<sup>46</sup>

E assim confirmou-se, através de uma carta o pedido de casamento a mão de Anne Elliot, o capitão Frederick em poucas linhas admite que no passado foi fraco e ressentido porém expõe para a heroína todo o amor que nutri, logo uma conversa pelas ruas de Bath sela-se a futura união do casal, Anne aceita o pedido do capitão. Posteriormente, Frederick viu seu pedido aceito pelo baronete sir. Walter, que demonstra não mais reprovar a união, aos olhos do barão o capitão da marinha real, agora era digno de casar com a filha de um barão. Fato descrito a seguir: “[...] O capitão Wentworth, com vinte e cinco mil libras, e tão bem-sucedido, já não era um João-ninguém. Agora todos os julgavam digno de pedir em casamento a filha de um baronete”<sup>47</sup> (AUSTEN, 2012, p. 294). E assim todos aprovam a união de Frederick e Anne. Conclui-se portanto que o amor de Frederick e Anne é o agente modificador dos personagens da narrativa, visto que a heroína quebra a passividade imposta pela cultura patriarcal, tornando-se uma mulher mais determinada e perseverante, quando trata-se de conquistar seus objetivos, quebrando assim os grilhões do domínio senhorial. Enquanto Frederick, mostra-se mais maleável, rompendo com uma postura de orgulho e ressentimento por ter sido preterido, em virtude de sua condição social.

---

<sup>46</sup> “[...] It was almost enough to spread purification and perfume all the way.” (AUSTEN, 1993, p. 183).

<sup>47</sup> “[...] Captain Wentworth, with five-and-twenty thousand pounds, and as high in his profession as merit and activity could place him, was no longer nobody. He was now esteemed quite worth”. (AUSTEN, 1993, p. 236)

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa analisou as particularidades de períodos históricos evidenciando o papel inferior da mulher em meio a sociedade e a partir dessa perspectiva investigou a construção social das heroínas nos romances e em particular na obra *Persuasion* [Persuasão] (1818) escrita por Jane Austen em 1818. Nesta obra, entende-se que Anne Elliot sofre uma mudança considerável no decorrer da narrativa, ou seja, a heroína sai de uma condição submissa e inferior construindo assim uma postura mais assertiva e, a partir dessa busca da afirmação do “eu”, consegue alcançar a felicidade.

Quanto ao capitão Frederick Wentworth, inicialmente ele é visto como um jovem de valores distintos, porém, o pedido de casamento feito a Anne é negado devido a sua condição financeira precária, tal fato traz a Frederick um grande desgosto o que torna um homem ressentido, contudo pelos sentimentos que nutre por Anne, passa a conviver novamente com a família Elliot. Frederick, na verdade, é um homem bem sucedido de caráter exemplar e cidadão respeitável por servir na marinha, o título que lhe faltava na sociedade inglesa do século XIX, um homem tido como digno.

Este é o tipo ideal de relacionamento proposto nas obras de Austen. Amor e segurança financeira para suas heroínas. Ademais, ocorre, por parte delas, a integração à sociedade, mas em moldes que lhe são plenamente satisfatórios, ou seja, por mais que elas, assim como Anne, estejam em uma sociedade androcêntrica, controladora e reguladora da figura feminina, Austen propõe o que se tornou comum no Ocidente do século seguinte: a mulher participando ativamente das decisões relacionadas à sua vida afetiva, aliando-se , através do matrimônio, com um a homem que não busca imprimir sua suposta superioridade a elas, mas apenas viver feliz e em paz com a mulher por ele escolhida e, ela, com o homem escolhido por si mesma.

## REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Emma**. Tradução e notas: Adriana Sales Zardini. 4ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

AUSTEN, Jane. **Persuasão**. Tradução e notas: Roberto Leal Ferreira. 6ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

AUSTEN, Jane. **Persuasion**. London: Wordworth Edition Limitade. 1993.

BACHOFEN, JJ. **El Matriarcado**: uma investigacion sobre la ginecocracia en el mundo antigo segun su naturaleza religiosa y jurídica. Tradução e interpretação de Maria del Mar Llinares García. Madri – Espanha: AKAL, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva [et al]. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

COSTA, Lígia Militz. **A Poética**. São Paulo: Ática, 2003.

CUDDON, J. A. **The penguin dictionary of literary terms and literary theory**. 4ª ed. New York: Penguin Books, 1999.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. **A subversão das relações coloniais em O morro dos ventos uivantes: questões de gênero**. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

FREIRE, Luana Justino. **Representações paradoxais do feminino no século XIX**: uma análise comparativa entre *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen e *Tess*, de Tomas Hardy. Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso) Guarabira: UEPB, 2011.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1971.

FUNAN, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GILBERT, Sandra. **The norton anthology of literature by women: the traditions in English**. 2ª ed. New York: Paperback, 2007.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da Grécia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GRESPLAN, Jorge. **Revolução francesa e iluminismo**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KING, M. L. A mulher renascentista. In: GARIN, E. **O homem renascentista**. Lisboa: Presença, 1991.

LE GOFF, Jacques. **A idade média explicada aos meus filhos**. Tradução de Jacques Le Goff. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

LIVRO DOGÊNESIS. In: **Nova Bíblia Pastoral**. Tradução de Antônio Carlos Frizzo [et al]. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2014.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (orgs.). **Dicionário da crítica feminista**. Portugal: Editora Afrontamento, 2005.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (orgs.). **Dicionário da crítica feminista**. Portugal: Editora Afrontamento, 2005.

NYE, Adrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PRIORE, Mary Del (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

TOOD, Janet. **Jane Austen in context**. Canbribge: University Preff, 2005.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. 2ª edição. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Desconstruindo a opressão a imagem feminina em:** a república dos sonhos de Néida Piñon. Maringá: Eduem, 2003.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: UEN